



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
4º LEVANTAMENTO



Janeiro 2026

**volume 13
NÚMERO**

4

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Desenvolvimento, Inovação e Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Arnoldo Anacleto de Campos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Coordenador Técnico

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Cleverton Tiago Carneiro de Santana
Couglan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Lucas Marçal Romeiro Barbosa
Lucas Barbosa Fernandes
Lucas Barbosa Fernandes
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer
Walquiria de Lima Mesquita

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Leandro Menegon Corder (Gefab – trigo), João Figueiredo Ruas (Gerpa – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz e milho).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.



Conab Companhia Nacional de Abastecimento



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2025/26
4º LEVANTAMENTO

ISSN 2318 6852

Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, DF, v.13 – Safra 2025/26, nº4 - Quarto levantamento, p. 1-107, janeiro 2026.

Copyright © 2026 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.gov.br/conab
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Malheiro Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 13, safra 2025/26, n. 4 quarto levantamento, janeiro 2026.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

7	RESUMO EXECUTIVO
12	INTRODUÇÃO
15	ANÁLISE CLIMÁTICA
22	ANÁLISE DAS CULTURAS
22	ALGODÃO
33	ARROZ
45	FEIJÃO
61	MILHO
75	SOJA
91	TRIGO
95	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
100	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

Com a semeadura das culturas de primeira safra em fase final, a estimativa para a área total a ser cultivada na safra 2025/26, considerando as culturas de primeira, segunda e terceira safras, além das culturas de inverno, indica um total de 83,8 milhões de hectares. Este valor representa um aumento de 2,6% em relação à temporada 2024/25. Em comparação com o levantamento do mês anterior, houve uma leve redução de 0,4%, devido a ajustes nas áreas, principalmente de soja e arroz.

Quanto à produção, a projeção é de 353,1 milhões de toneladas de grãos, um crescimento de 0,3% sobre o ciclo anterior, o que configura esta safra como a maior já registrada no país.

Ressalta-se que os números ainda são preliminares, uma vez que as culturas de primeira safra estão iniciando a colheita e dependem das condições climáticas. Além disso, o calendário de plantio das culturas de segunda e terceira safras, assim como das culturas de inverno, segue até junho deste ano.

A Região Norte/Nordeste, com a produção estimada em 55,8 milhões de toneladas, equivale a 15,8% do total, e a produção da Região Centro-Sul,

projetada em 297,3 milhões de toneladas, corresponde a 84,2% da produção nacional. Destaque para a Região Centro-Oeste, principal produtora, com 174,5 milhões de toneladas, o que representa 49,4% do total nacional.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2024/25 e 2025/26					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)	
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.085,6	2.026,5	(2,8)	2.773	2.673	(3,6)	5.782,8	5.416,5	(6,3)
ALGODÃO - PLUMA	2.085,6	2.026,5	(2,8)	1.954	1.884	(3,6)	4.076,1	3.818,2	(6,3)
AMENDOIM TOTAL	280,4	281,8	0,5	4.136	4.040	(2,3)	1.159,7	1.138,2	(1,9)
Amendoim 1ª Safra	273,1	274,5	0,5	4.202	4.103	(2,4)	1.147,6	1.126,2	(1,9)
Amendoim 2ª Safra	7,3	7,3	-	1.662	1.668	0,3	12,1	12,0	(0,8)
ARROZ	1.763,9	1.589,0	(9,9)	7.233	6.961	(3,8)	12.757,7	11.061,4	(13,3)
Arroz sequeiro	394,6	310,1	(21,4)	2.935	2.763	(5,8)	1.158,2	857,0	(26,0)
Arroz irrigado	1.369,3	1.278,9	(6,6)	8.471	7.979	(5,8)	11.599,5	10.204,4	(12,0)
FEIJÃO TOTAL	2.693,0	2.641,6	(1,9)	1.137	1.153	1,5	3.060,6	3.046,2	(0,5)
FEIJÃO 1ª SAFRA	908,5	807,6	(11,1)	1.170	1.218	4,1	1.062,7	983,6	(7,4)
Cores	347,3	333,4	(4,0)	1.707	1.820	6,6	592,8	606,7	2,3
Preto	169,0	118,6	(29,8)	1.953	1.769	(9,4)	330,2	209,7	(36,5)
Caupi	392,2	355,6	(9,3)	356	469	31,7	139,7	166,8	19,4
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.400,1	1.407,1	0,5	953	967	1,5	1.333,6	1.360,2	2,0
Cores	294,6	297,9	1,1	1.499	1.501	0,1	441,6	447,1	1,2
Preto	286,6	292,4	2,0	1.616	1.658	2,6	463,2	485,0	4,7
Caupi	818,9	816,8	(0,3)	524	524	0,1	428,9	428,1	(0,2)
FEIJÃO 3ª SAFRA	384,4	426,9	11,1	1.728	1.646	(4,8)	664,4	702,6	5,7
Cores	326,5	361,0	10,6	1.883	1.802	(4,3)	614,9	650,6	5,8
Preto	14,1	14,1	-	1.268	1.145	(9,7)	17,9	16,2	(9,5)
Caupi	43,8	51,8	18,3	721	695	(3,7)	31,6	36,0	13,9
GERGELIM	608,0	608,0	-	657	657	-	399,4	399,4	-
GIRASSOL	61,9	63,8	3,1	1.622	1.598	(1,5)	100,4	101,9	1,5
MAMONA	69,6	76,1	9,3	1.437	1.938	34,8	100,0	147,4	47,4
MILHO TOTAL	21.842,3	22.714,1	4,0	6.457	6.114	(5,3)	141.037,4	138.867,1	(1,5)
Milho 1ª Safra	3.772,6	4.029,3	6,8	6.610	6.427	(2,8)	24.935,8	25.895,2	3,8
Milho 2ª Safra	17.430,3	18.092,7	3,8	6.496	6.105	(6,0)	113.228,4	110.461,0	(2,4)
Milho 3ª Safra	639,4	592,1	(7,4)	4.494	4.241	(5,6)	2.873,4	2.510,9	(12,6)
SOJA	47.346,1	48.672,6	2,8	3.622	3.619	(0,1)	171.480,5	176.124,4	2,7
SORGO	1.632,0	1.816,3	11,3	3.739	3.670	(1,9)	6.102,2	6.665,7	9,2
SUBTOTAL	78.382,8	80.489,8	2,7	4.363	4.261	(2,3)	341.980,7	342.968,2	0,3
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %	2025	2026	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	545,8	545,8	-	2.368	2.368	-	1.292,3	1.292,3	-
CANOLA	211,9	211,9	-	1.627	1.627	-	344,8	344,8	-
CENTEIO	2,1	2,1	-	2.381	2.381	-	5,0	5,0	-
CEVADA	139,2	139,2	-	4.358	4.358	-	606,6	606,6	-
TRIGO	2.445,9	2.445,9	-	3.219	3.219	-	7.873,4	7.873,4	-
TRITICALE	11,4	11,4	-	3.211	3.211	-	36,6	36,6	-
SUBTOTAL	3.356,3	3.356,3	-	3.027	3.027	-	10.158,7	10.158,7	-
BRASIL (2)	81.739,1	83.846,1	2,6	4.308	4.212	(2,2)	352.139,4	353.126,9	0,3

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em janeiro/2026.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2024/25 e 2025/26		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %	Safra 24/25	Safra 25/26	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	5.958,4	6.334,3	6,3	3.804	3.661	(3,7)	22.664,3	23.190,8	2,3
RR	171,9	181,5	5,6	4.027	3.866	(4,0)	692,3	701,7	1,4
RO	1.242,8	1.236,2	(0,5)	4.369	4.271	(2,2)	5.429,7	5.279,5	(2,8)
AC	68,7	73,5	7,0	3.082	3.143	2,0	211,7	231,0	9,1
AM	28,6	34,3	19,9	3.024	2.959	(2,2)	86,5	101,5	17,3
AP	14,0	16,0	14,3	2.143	2.231	4,1	30,0	35,7	19,0
PA	2.023,8	2.238,3	10,6	3.480	3.277	(5,8)	7.042,0	7.334,7	4,2
TO	2.408,6	2.554,5	6,1	3.808	3.722	(2,3)	9.172,1	9.506,7	3,6
NORDESTE	10.045,9	10.385,3	3,4	3.115	3.145	1,0	31.292,0	32.656,7	4,4
MA	2.257,6	2.376,3	5,3	3.895	3.747	(3,8)	8.792,4	8.904,2	1,3
PI	1.942,6	2.009,3	3,4	3.221	3.379	4,9	6.258,0	6.789,5	8,5
CE	938,7	935,5	(0,3)	379	620	63,4	356,1	579,8	62,8
RN	112,6	107,1	(4,9)	274	393	43,7	30,8	42,1	36,7
PB	224,2	226,1	0,8	388	531	36,8	87,0	120,0	37,9
PE	370,7	370,7	-	947	929	(1,9)	351,1	344,4	(1,9)
AL	59,3	60,2	1,5	3.578	2.654	(25,8)	212,2	159,8	(24,7)
SE	199,0	199,0	-	5.992	5.962	(0,5)	1.192,4	1.186,5	(0,5)
BA	3.941,2	4.101,1	4,1	3.555	3.543	(0,3)	14.012,0	14.530,4	3,7
CENTRO-OESTE	36.724,5	37.878,3	3,1	4.882	4.606	(5,6)	179.288,7	174.478,5	(2,7)
MT	22.300,1	22.759,9	2,1	5.040	4.741	(5,9)	112.395,7	107.908,4	(4,0)
MS	6.645,0	7.016,0	5,6	4.303	4.185	(2,8)	28.596,4	29.362,3	2,7
GO	7.593,0	7.915,9	4,3	4.921	4.589	(6,8)	37.365,1	36.323,4	(2,8)
DF	186,4	186,5	0,1	4.997	4.742	(5,1)	931,5	884,4	(5,1)
SUDESTE	6.994,0	7.182,8	2,7	4.311	4.210	(2,3)	30.153,3	30.239,6	0,3
MG	4.298,0	4.408,6	2,6	4.283	4.190	(2,2)	18.408,6	18.470,3	0,3
ES	25,2	25,9	2,8	2.829	2.653	(6,3)	71,3	68,7	(3,6)
RJ	2,8	3,0	7,1	3.286	3.500	6,5	9,2	10,5	14,1
SP	2.668,0	2.745,3	2,9	4.372	4.258	(2,6)	11.664,2	11.690,1	0,2
SUL	22.016,3	22.065,4	0,2	4.031	4.195	4,1	88.741,1	92.561,3	4,3
PR	9.954,9	10.073,5	1,2	4.491	4.481	(0,2)	44.710,3	45.139,3	1,0
SC	1.429,0	1.444,3	1,1	5.690	5.160	(9,3)	8.131,3	7.453,0	(8,3)
RS	10.632,4	10.547,6	(0,8)	3.376	3.789	12,2	35.899,5	39.969,0	11,3
NORTE/NORDESTE	16.004,3	16.719,6	4,5	3.371	3.340	(0,9)	53.956,3	55.847,5	3,5
CENTRO-SUL	65.734,8	67.126,5	2,1	4.536	4.429	(2,4)	298.183,1	297.279,4	(0,3)
BRASIL	81.739,1	83.846,1	2,6	4.308	4.212	(2,2)	352.139,4	353.126,9	0,3

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1^a e 2^a safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1^a, 2^a e 3^a safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1^a, 2^a e 3^a safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: estimativa em janeiro/2026.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta o quarto levantamento, da safra 2025/26, no qual a semeadura das culturas de primeira safra está em fase final e já iniciam as primeiras colheitas, com a área cultivada em consolidação. Assim, atualizamos as informações sobre o andamento do plantio, o desenvolvimento das lavouras e o início da colheita das principais culturas, bem como as estimativas de área e produção.

Neste levantamento, realizado em dezembro, confirma-se a tendência de aumento de área em relação à safra passada, mantendo alinhamento com os dados apresentados nas Perspectivas Agropecuárias, divulgadas em setembro de 2025.

A colheita das culturas de terceira safra e de inverno da temporada 2024/25 foi encerrada. As primeiras estimativas para a nova safra das culturas de inverno serão divulgadas em fevereiro e, por enquanto, adota-se a safra 2025 como base para a previsão de 2026.

A Conab reconhece e agradece o papel fundamental dos colaboradores em todas as Unidades da Federação no levantamento das informações que subsidiam este boletim. Da mesma forma, registramos a colaboração

de diversas entidades, públicas e privadas, fornecendo informações que permitem estimar a safra brasileira de grãos.

Como parte da metodologia da estimativa, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades e à perspectiva climática. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI), e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com o auxílio da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direta nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas e na integração de sinais de vigor vegetativo, observados por satélite, com o conhecimento de campo da Companhia.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos e situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao sensoriamento remoto e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: [planilha de safra](#). Recomendamos a leitura do [Boletim de Monitoramento Agrícola](#) e do [Progresso de Safra](#) para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE DEZEMBRO

Em dezembro de 2025, acumulados de chuva acima de 150 mm ocorreram em grande parte do Brasil, favorecendo a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Por outro lado, a porção leste da Região Nordeste registrou volumes inferiores a 40 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm e os maiores volumes de chuva concentraram-se nas porções leste e oeste do Amazonas, norte do Amapá, Acre, leste do Pará e no norte de Tocantins, com totais superiores a 250 mm. Este cenário contribuiu para elevação dos níveis de umidade do solo. Em Roraima, extremo-norte do Amazonas, sul do Amapá e norte do Pará, os totais de chuva foram inferiores a 100 mm, porém em localidades de Roraima e norte do Amazonas, os volumes foram menores e inferiores a 40 mm.

Na Região Nordeste, os maiores acumulados de chuva concentraram-se no sul do Maranhão e do Piauí, além do oeste da Bahia, com totais superiores a 150 mm, elevando os níveis de umidade no solo e favorecendo o plantio

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet – Brasília.

e o desenvolvimento dos cultivos de primeira safra. Já no leste da região, os acumulados foram inferiores a 40 mm, resultando em redução da umidade do solo.

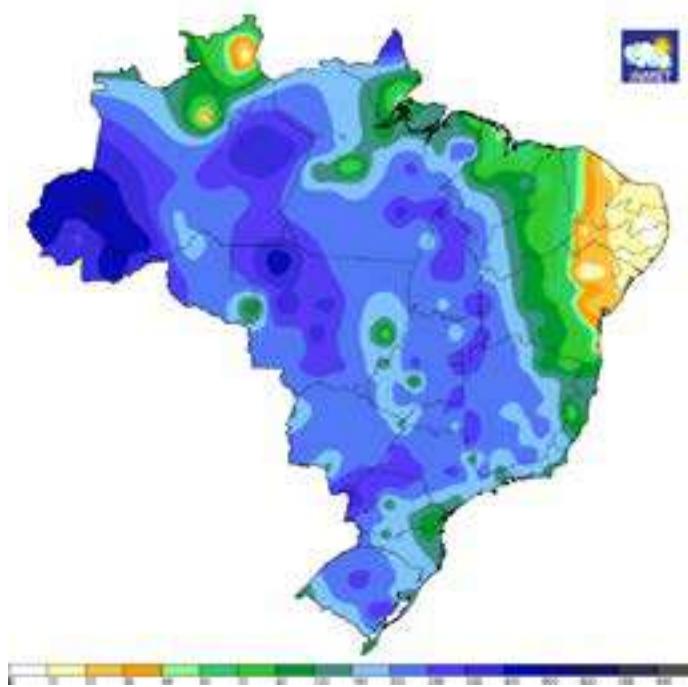
Bons volumes de chuva foram observados na maior parte da Região Centro-Oeste, com valores superiores a 120 mm. Desta forma, os níveis de umidade do solo encontram-se satisfatórios, beneficiando o desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos dos cultivos de primeira safra.

Na Região Sudeste, os volumes mensais de chuva foram superiores a 150 mm em grande parte da região. No nordeste de Minas Gerais e centro-norte do Espírito Santo, os acumulados variaram entre 70 mm e 100 mm. No geral, os níveis de umidade do solo foram suficientes para o desenvolvimento das lavouras de grãos.

Em grande parte da Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 90mm, com os maiores acumulados acima de 150 mm, concentrados no centro-oeste do Paraná e de Santa Catarina, bem como em grande parte do Rio Grande do Sul. De modo geral, esses volumes garantiram níveis satisfatórios de armazenamento de água no solo, favorecendo o desenvolvimento das lavouras.

Em novembro, as temperaturas máximas foram acima de 30 °C, principalmente na porção norte das Regiões Norte e Nordeste, além do oeste da Região Centro-Oeste. Em áreas da costa da Região Sudeste e da Região Sul, os valores permaneceram entre 24 °C e 28 °C. Quanto às temperaturas mínimas, os valores superaram os 24 °C na maior parte da Região Norte, centro-norte da Região Nordeste e oeste da Região Centro-Oeste. No sul de Minas Gerais, leste de São Paulo, Rio de Janeiro e Região Sul, as temperaturas foram inferiores a 18 °C.

FIGURA 1 -ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM DEZEMBRO DE 2025

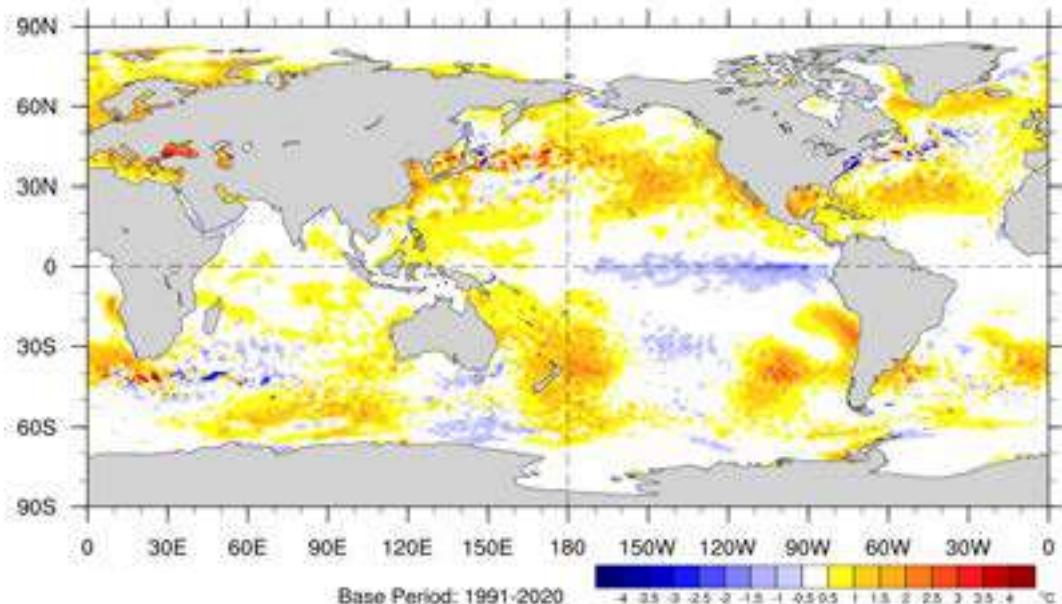


Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

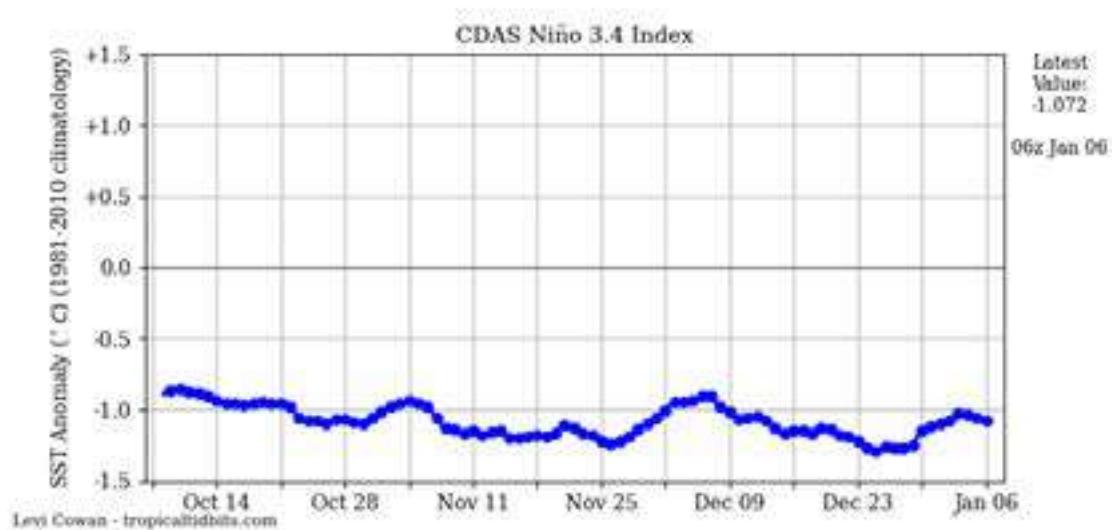
Na figura a seguir, observa-se a anomalia da Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 31 de dezembro de 2025. Nesse período, registraram-se valores entre $-1,5^{\circ}\text{C}$ e -2°C ao longo da faixa longitudinal compreendida entre 120°W e 90°W , indicando a área de maior resfriamento das águas. Ao analisar especificamente as anomalias médias diárias de TSM na região do Niño 3.4 (delimitada entre 170°W e 120°W), verificaram-se valores variando entre -1°C e $-0,5^{\circ}\text{C}$ durante dezembro. Esse comportamento ainda indica um resfriamento da região, persistindo a condição de fenômeno La Niña no Pacífico Equatorial, caracterizado por desvios de TSM inferiores a $-0,5^{\circ}\text{C}$.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE DEZEMBRO DE 2025



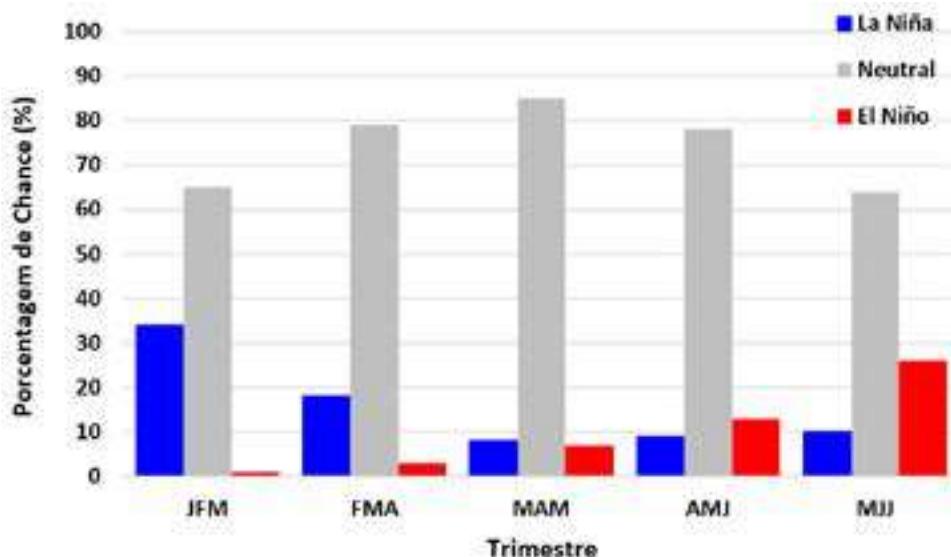
Fonte: NCEP/NCAR.

GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para a transição das condições de La Niña para a Neutralidade, durante o trimestre janeiro, fevereiro e março de 2026, com probabilidade de 65%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*

Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO DE 2026

As previsões climáticas para os próximos três meses, de acordo com o modelo do Inmet, são apresentadas na figura abaixo. O modelo indica a ocorrência de chuvas acima da média na maior parte da Região Norte e Centro-Oeste, bem como algumas áreas das Regiões Sul e Sudeste. Chuvas abaixo da média são previstas para o interior da Região Nordeste, norte da Região Sudeste, leste da Região Centro-Oeste e oeste da Região Sul.

Analizando separadamente cada região do país, a previsão indica chuvas acima da média em Roraima, Amapá, porções central e noroeste do Pará, grande parte do Amazonas e sul de Rondônia, elevando os níveis de umidade do solo. No oeste do Acre, sul e nordeste do Pará, além do Tocantins, são previstas chuvas abaixo da média.

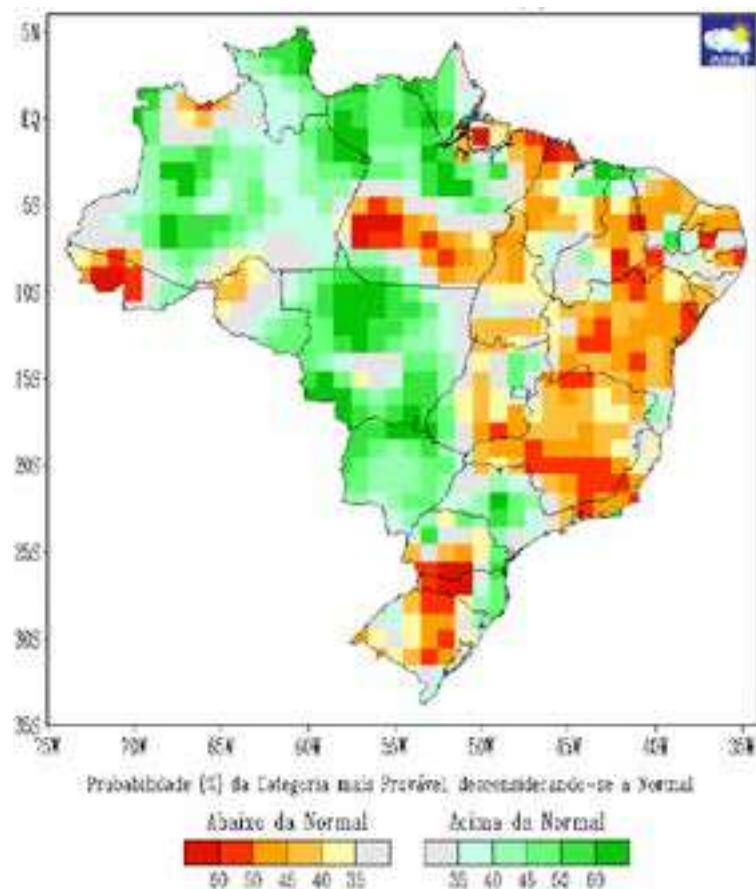
Na Região Nordeste, a previsão indica chuvas próximas e abaixo da média. Este cenário pode reduzir os níveis de umidade do solo nos próximos meses. Porém, as chuvas devem se concentrar no nordeste do Maranhão, norte do Piauí e noroeste do Ceará.

Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, são previstas chuvas acima da média em Mato Grosso, porções nordeste e sudoeste de Goiás, Distrito Federal e São Paulo. Nas demais áreas, o modelo do Inmet indica volumes próximos e abaixo da média. No geral, os níveis de umidade do solo se manterão satisfatórios ao longo dos próximos meses, porém algumas áreas do norte de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e oeste de Mato Grosso do Sul, poderão sofrer redução de umidade no final do trimestre.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média no oeste de Santa Catarina e parte central do Rio Grande do Sul. As chuvas próximas ou acima da média devem ocorrer principalmente no centro-norte do Paraná, leste de Santa Catarina, bem como no extremo-sul e nordeste do Rio Grande do Sul, onde os níveis de umidade do solo não deverão sofrer redução nos próximos meses.

Quanto às temperaturas, essas devem permanecer próximas e acima da média histórica em grande parte do país, com temperaturas acima de 25 °C, nas Regiões Norte, Nordeste e parte da Região Centro-Oeste. Temperaturas acima 28 °C são previstas para Roraima, áreas pontuais da costa leste da Região Nordeste, bem como no sudoeste de Mato Grosso e noroeste de Mato Grosso do Sul. No leste da Região Sul, as temperaturas podem ser mais amenas, com valores menores que 22 °C, assim como em áreas mais elevadas da Região Sudeste.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO DE 2026



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [site do Inmet](#).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA
2.026,5 mil ha
-2,8%

PRODUTIVIDADE
1.884 kg/ha
-3,6%

PRODUÇÃO
3.818,2 mil t
-6,3%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	1.944,2	1.904	3.701,4
2024/25	2.085,6	1.954	4.076,1
2025/26	Dez./25	2.100,2	3.959,6
	Jan./26	2.026,5	3.818,2

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Neste quarto levantamento, da safra 2025/26, observa-se redução tanto na estimativa de área semeada quanto na produtividade média estimada, resultando em uma produção de 3.818,2 mil toneladas de algodão em pluma. Esse volume representa retração de 6,3% em relação à safra anterior, corroborando com a estimativa de redução de área, especialmente, em Mato Grosso e Bahia.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o plantio do algodão de primeira safra foi iniciado, e a previsão é que, até o final de dezembro, a maior parte da área destinada à cultura seja semeada, e o plantio da segunda safra ocorrerá posterior à colheita da soja.

As condições climáticas estão sendo favoráveis à semeadura, com volumes de chuvas e períodos de insolação adequados para o estabelecimento inicial da cultura, visto que as áreas já implantadas apresentam boas condições fitossanitárias. Contudo, o monitoramento contínuo de pragas, especialmente do bicudo, permanece em alerta para garantir o vigor e a sanidade das lavouras.

A conjuntura atual do mercado de algodão impõe um cenário de alerta para o cotonicultor. A acentuada pressão baixista sobre as cotações da pluma resultou em perda de liquidez e estagnação no momento de negociação nos últimos meses. Este ambiente de preços baixistas, somado aos custos de produção, resultam em projeção de área para a safra 2025/26 menor do que na safra anterior.

É crucial destacar que a cotonicultura, por ser uma atividade de elevado investimento em capital fixo (maquinário específico) e tecnologia, possui

uma baixa elasticidade de área em curto prazo. Portanto, qualquer movimento de substituição de cultura tende a ocorrer de forma gradual e planejada, e não como uma oscilação abrupta dentro de um único ciclo produtivo.

Bahia: as lavouras estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, cultivadas em manejo de plantio direto ou convencional.

Foram registradas chuvas volumosas e bem distribuídas com acumulados entre 150 mm e 300 mm. As precipitações são alternadas por dias ensolarados, que favorecem o desenvolvimento das plantas e o manejo das áreas. As temperaturas encontram-se em consonância às normais climatológicas observadas para dezembro na região oeste do estado.

As chuvas ocorridas permitiram o início do plantio de sequeiro e o avanço rápido, que encerrou no final de dezembro. As lavouras irrigadas serão semeadas em sucessão à soja irrigada, no fim de janeiro e início de fevereiro.

Espera-se redução na produtividade de acordo com os modelos estatísticos e análise climática.

Estima-se redução de área em relação à safra passada devido à expectativa de redução dos preços e ao manejo sanitário, com a implementação de rotação de culturas nas áreas destinadas ao algodão.

A redução do cultivo foi observada no cultivo de sequeiro, enquanto no cultivo irrigado espera-se alta. Este comportamento é observado pela segurança do cultivo irrigado, que não é suscetível a estresse hídrico em períodos de veranico.

Estima-se que o beneficiamento do algodão em caroço da safra anterior já tenha ultrapassado 97% do volume total produzido. As cotações apresentam tendência de queda. No acumulado entre abril e dezembro de 2025, registra-se desvalorização do caroço.

Há alta de comercialização de pluma da safra 2025/26 até o fim de dezembro de 2025 em relação ao acumulado da safra passada para o mesmo período. O maior volume de vendas nesta safra, em relação à safra passada, pode influenciar positivamente na alta da área a ser plantada em manejo irrigado em fevereiro de 2026.



Foto 1 -Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Riachão das Neves-BA

Fonte: Conab.

Minas Gerais: o vazio sanitário do algodão encerrou no dia 20 de novembro, e os produtores iniciaram o plantio sobre as áreas de sequeiro nas localidades onde a umidade do solo propicia condições favoráveis para a operação. Entretanto, as operações seguem mais lentas, com os produtores priorizando finalizarem a semeadura da soja.

A estimativa é que a área se mantenha estável em relação ao ano passado.

Piauí: a previsão climática inicial aponta para o início do período chuvoso mais cedo no sudoeste do estado, o que deve favorecer a implantação e bom desenvolvimento da cultura.

Cultura com semeadura iniciada no primeiro decêndio de dezembro e deve continuar avançando, tendo em vista o bom nível de umidade da maioria das áreas.

Conforme previsto durante a safra passada, confirma-se a estimativa de aumento de área, enquanto a produtividade nesta safra deve ficar inferior.

Maranhão: o cultivo da primeira safra de algodão ocorre no sul do Maranhão, nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso. O plantio dessa safra foi iniciado em 20 de dezembro de 2025 e deve ocorrer até janeiro de 2026, com leve atraso em comparação aos anos anteriores.

A área de plantio do algodão primeira safra é estimada em 28,4 mil hectares, com aumento de 19,3%, em relação ao ano anterior, devido à substituição de área de soja para algodão, causado pelo atraso das chuvas no final de outubro de 2025 e consequente atraso de plantio da soja, o que inviabiliza o plantio da segunda safra de algodão.

A segunda safra de algodão é cultivada em Balsas, no sul do estado. A semeadura da segunda safra de algodão será realizada no final de janeiro de 2025, após a colheita da soja.

A previsão de área na segunda safra de algodão é de grande redução de área, em razão das chuvas tardias e irregulares, no final de outubro de 2025, que restringiram a janela de semeadura de segunda safra.

Mato Grosso do Sul: com chuvas regulares e temperaturas consideradas favoráveis à cultura, as lavouras já implantadas vêm apresentando boas condições de campo, sendo beneficiadas pelos bons níveis de umidade no solo e emergência uniforme das plântulas.

A semeadura do algodão segue em ritmo acelerado, com destaque para a região nordeste e norte - Alcinópolis, Costa Rica e Chapadão do Sul - como principais municípios produtores do estado. As áreas semeadas após o vazio sanitário foram beneficiadas pelas precipitações regulares. No entanto, de maneira generalizada, o monitoramento constatou a ocorrência de trípes nas lavouras, sendo necessário o controle corretivo.

Na região sul do estado, especificamente em Aral Moreira, a semeadura foi finalizada, mantendo as condições de campo favoráveis, que se encontram em pleno desenvolvimento vegetativo.

Por outro lado, alguns municípios da região centro deverão iniciar a semeadura do algodão safrinha no início de janeiro, com previsão de encerramento ainda dentro desse período.

No mercado doméstico da pluma, a safra comercializada está sob pressão baixista nos preços futuros, boa parte dos cotonicultores travaram os custos com negociações por meio das operações de barter. A safra 2024/25 foi 98% beneficiada até o momento deste levantamento.

Goiás: a semeadura foi intensificada durante dezembro, com aproximadamente 65% da área semeada, com 43% em fase de emergência e 57% em desenvolvimento vegetativo. Grandes grupos iniciaram e concluíram os plantios durante dezembro.

As áreas de safrinha devem ser semeadas a partir do início de janeiro de 2026. O clima favoreceu o plantio, e as chuvas mais regulares contribuíram significativamente para o desenvolvimento das plantas, tanto na fase inicial quanto no crescimento vegetativo. As temperaturas, amenizadas pela cobertura de nuvens durante o dia, aliadas à boa umidade do solo, proporcionam condições ideais para a cultura.

No extremo-sul do estado ocorreram problemas durante o início do ciclo do algodão em Chapadão do Céu, relacionado à ocorrência de tombamento ou *damping-off*. Estes fungos são favorecidos pelas condições ambientais ocorridas durante o mês na região, como umidade elevada por vários dias e temperaturas entre 18 °C e 30 °C. Os impactos da ocorrência desta doença ainda estão sendo avaliados e, conforme a severidade, pode ser necessário o replantio de algumas áreas.

A área cultivada nesse levantamento mantém-se assim como a produtividade média.



Foto 2 - Algodão - Desenvolvimento vegetativo - Cristalina-GO

Fonte: Conab.

Tocantins: o acumulado de chuvas assegura uma boa germinação em áreas onde há início da semeadura. Já foi iniciado o plantio na região de Dianópolis e está dentro da normalidade.

O cenário para a cultura do algodão reflete para uma retração na área de produção por questões mercadológicas e de custos. Poderá haver migração de cultura em áreas que seriam destinadas para o cultivo do algodão.

São Paulo: o algodão encontra-se semeado na região de Avaré, Holambra, Itaí e Paranapanema, onde o cultivo se dá em grande parte por produtores cooperados, que produzem o algodão sob pivô. Porém, na região de Riolândia e Martinópolis, ainda não finalizou o plantio.

A área semeada se apresenta estável, se comparada ao ciclo anterior.

Paraná: cultura totalmente semeada, com sua maior parte em desenvolvimento vegetativo e floração.

Em dezembro de 2025, o clima apresentou um cenário de transição crítica para o algodão, com chuvas que, embora tenham sido volumosas na primeira quinzena, superando 100 mm acima da média em polos como Londrina e Paranavaí, tendem a se tornar mais irregulares e escassas com a consolidação da La Niña e a chegada do verão.

As temperaturas permanecem elevadas, com máximas frequentemente entre 30 °C e 38 °C nas regiões norte e noroeste do estado, o que favorece o rápido desenvolvimento vegetativo das lavouras recém-semeadas, mas exige atenção redobrada ao estresse térmico e à rápida perda de umidade do solo.

Este ambiente de calor intenso e pancadas de chuva isoladas é ideal para o arranque da cultura, porém o produtor deve monitorar rigorosamente o aparecimento de pragas e doenças fúngicas, que encontram nesse mormaço as condições perfeitas para proliferação.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica											
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2025/2026									
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense	0,48			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C
TO	Oriental do Tocantins	0,29		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	1,57		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra				S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauense	1,21		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	17,16	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	52,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,95		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,81		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	11,90		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,53		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,59	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,06		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,64	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,61		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O quarto levantamento, safra 2025/26, realizado pela Conab, indica redução significativa da área destinada à cultura do algodão na maioria dos estados produtores. De acordo com os dados coletados, é observada redução de 2,6% na produção da Bahia e de 3% em Mato Grosso, que, juntos, são responsáveis por 90% da produção nacional. Ademais, há uma projeção de declínio na produtividade em virtude de condições climáticas desfavoráveis, que vêm se manifestando desde o início da safra. Em virtude da redução da área plantada e da queda de produtividade, a nova safra de algodão em pluma deverá apresentar redução de 6,3% em relação à safra anterior, alcançando o montante de 3,82 milhões de toneladas.

Conforme dados do Comexstat, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em 2025 as exportações brasileiras de algodão em pluma atingiram o valor recorde de 3,02 milhões de toneladas. Em virtude da excelente qualidade e competitividade da pluma brasileira, o setor prevê um crescimento adicional nas exportações, com a conquista de novos clientes e mercados. Para o ano de 2026, o setor projeta atingir um novo patamar de 3,06 milhões de toneladas embarcadas.

Em 2025, o consumo interno do algodão em pluma deverá atingir 725 mil toneladas. A despeito da retração no segundo semestre de 2025, a demanda interna manteve-se ativa. As indústrias têm realizado aquisições pontuais, de acordo com suas necessidades imediatas, evitando ampliar os seus níveis de estoques. Para o ano de 2026, a expectativa é que haja um incremento do consumo de aproximadamente 0,7%, chegando a 730 mil toneladas, com a perspectiva de redução da taxa de juros no país.

O ano de 2025 encerrou com um estoque final de 2,72 milhões de toneladas, o que representa um aumento de 13,6% na comparação com o ano anterior. Para 2026, projeta-se um crescimento de 1,1% no estoque final, atingindo 2,75 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	710,0	1.618,2	2.167,2	
2023/24	2.167,2	3.701,1	1,1	5.869,4	695,0	2.774,3	2.400,1	
2024/25	2.400,1	4.076,1	1,0	6.477,2	725,0	3.026,0	2.726,2	
2025/26	dez/25	2.809,2	3.959,6	1,0	6.769,8	730,0	3.060,0	2.979,8
	jan/26	2.726,2	3.818,2	1,0	6.545,4	730,0	3.060,0	2.755,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.589,0 mil ha

-9,9%

PRODUTIVIDADE

6.961 kg/ha

-3,8%

PRODUÇÃO

11.061,4 mil t

-13,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,6	6.780	10.031,8
2023/24	1.606,6	6.583	10.577,0
2024/25	1.764,0	7.232	12.757,5
2025/26	Dez./25	1.621,3	6.890
	Jan/26	1.589,0	6.961
			11.170,2
			11.061,4

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

O novo ciclo da safra 2025/26, para a produção de arroz, teve um avanço significativo na semeadura nas principais áreas produtoras do país, ultrapassando mais de 90% do total estimado, com destaque para as áreas de plantio em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Nas áreas da maior produção nacional, no Rio Grande do Sul, a semeadura praticamente está concluída, com estimativa de redução de área em comparação com o

ciclo anterior, e as lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo, com algumas áreas iniciando o florescimento.

Os mananciais que estavam com níveis reduzidos, com a ocorrência das últimas chuvas, teve uma recuperação significativa de aporte hídrico para as áreas produtoras do estado. Em Santa Catarina, o plantio foi concluído, assim como no Paraná e Pará (arroz irrigado). Nas áreas em Goiás, Mato Grosso e Tocantins mais de 90% da área foi semeada. Há áreas em destaque na realização da colheita, como no Maranhão e Goiás, com colheitas pontuais de forma escalonada. Nas áreas de Mato Grosso do Sul, a semeadura vai ser concluída somente após a colheita da soja, com o plantio em sucessão. De uma forma geral, as condições mercadológicas do cereal têm influenciado de forma muito expressiva na decisão do plantio.

A estimativa mostra uma redução da área de produção, em comparação com a safra anterior, tanto no cultivo do arroz de sequeiro quanto sob irrigação, sendo a área de arroz irrigado estimada em 1.278,9 mil hectares, enquanto que o arroz de sequeiro a estimativa indica uma área de 310,1 mil hectares, ainda a ser confirmada no decorrer do monitoramento da atual safra.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura do arroz atingiu 99% da área total prevista para esta safra, estimativa baseada na perspectiva de área cultivada de cada região orizícola. Em razão dos baixos preços praticados no mercado do cereal, existe a tendência de que a área prevista não seja cultivada e, dentre as regiões produtoras, a região central onde existe a maior probabilidade de a área prevista não ser semeada, sendo nas demais regiões a área plantada está muito próxima da estimada inicialmente. Na Fronteira Oeste foram

semeados 94% da área estimada e 97% na Planície Costeira Interna. Já na região Sul foram semeados 98% da área estimada e na Campanha já foram semeados 95%. Contudo, na Planície Costeira Externa, poderá haver um ajuste de aumento da área plantada, condição diferente da observada nas demais regiões, até o momento.

Diante do exposto, a área estimada para o estado segue com redução de 5% em relação à safra passada. No campo, na região Sul, já se inicia áreas em florescimento. As lavouras estão em emergência e desenvolvimento vegetativo, dentro da normalidade. A maior parte das lavouras já se encontra com irrigação e tem sido realizado os devidos tratos culturais, como aplicação de adubo, controle de ervas daninhas e manejo de pragas e doenças.

As chuvas ocorridas no segundo decêndio de dezembro ajudaram a recuperar os níveis dos mananciais que estavam reduzidos devido a vários dias sem chuva. Nas demais regiões, as lavouras estão em emergência e desenvolvimento vegetativo. A expectativa é que apenas na região Central haverá lavouras semeadas fora do período recomendado, até mesmo podendo haver a redução do potencial produtivo. De modo geral, as lavouras apresentam boas condições (boa sanidade e bom perfilhamento), as fontes de água para irrigação apresentam bons níveis, e os dias têm apresentado boas condições de radiação solar para a cultura.

Santa Catarina: as estimativas indicam que a safra de arroz no estado deverá apresentar elevados níveis de produção, mesmo diante da redução nos preços pagos ao produtor e/ou menor investimento em tecnologia em comparação à safra anterior, assim como o manejo hídrico adequado tem sido fundamental para mitigar riscos associados à irregularidade das chuvas, garantindo bom estabelecimento das lavouras.

Com a semeadura concluída, o frio persistente no início do ciclo retardou o desenvolvimento das lavouras, no norte do estado, a maior parte das áreas encontra-se em enchimento de grãos, maturação e nas demais regiões predominam lavouras em final da fase vegetativa e início do florescimento. Houve a ocorrência pontual de caramujos e fungos nas áreas de lavouras na Região Sul Catarinense.

A maior parte das lavouras encontra-se entre os estádios de perfilhamento e início de alongamento do colmo, além do início do florescimento (no sul do estado) até enchimento de grãos e maturação (no norte), dependendo da época de semeadura. As condições hídricas são, em geral, adequadas, com reservatórios e sistemas de irrigação operando normalmente. A situação geral das lavouras é considerada boa, com desenvolvimento uniforme nas áreas produtoras.

Tocantins: nas áreas de produção em Formoso do Araguaia (arroz irrigado), a semeadura atingiu 75% da área. Houve relatos pontuais de infestação por lagarta no início do desenvolvimento da cultura, mas os devidos tratos fitossanitários estão sendo realizados para assegurar uma boa produção. No estado, o cenário é de redução da área de plantio do arroz, principalmente devido a questões mercadológicas. Nas áreas de semeadura do arroz de sequeiro, o volume de chuvas tem paralisado em parte as operações de plantio, porém as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, e estima-se que 80% da área foi semeada na região de Araguatins até o momento.

Maranhão: o cultivo de arroz irrigado ocorre nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e Viana, no norte do estado; São Mateus do Maranhão e Grajaú, no centro do estado, correspondendo a 5% da área de produção de arroz total do estado (irrigado e sequeiro).

O plantio de arroz irrigado foi iniciado na última semana de junho e foi finalizado em dezembro de 2025. No entanto, parte considerável da área semeada de Viana e Grajaú teve que passar por replantio, devido à infestação de pragas e por baixa germinação de sementes. Até o final de dezembro de 2025, a colheita do arroz irrigado atingiu em torno de 64% da área do estado. A colheita deve ocorrer até abril de 2026, considerando o período do plantio. As lavouras encontram-se em diversos estádios fenológicos simultaneamente, advindos também do plantio escalonado.

Na presente safra, a área de plantio estimada tem apresentado uma redução em comparação à safra anterior, devido à menor área de plantio em São Mateus do Maranhão, Viana e Grajaú, principalmente em razão do preço do produto no mercado e, consequentemente, maior custo de produção. O plantio de arroz de sequeiro foi iniciado nas regiões sul e do centro do estado (no município de São Mateus do Maranhão).

As lavouras encontram-se em emergência e desenvolvimento vegetativo. O cultivo de arroz de sequeiro é realizado em todas as regiões do estado, normalmente em lavouras de pequena escala, por agricultores familiares e consorciado com diversas outras culturas temporárias, a exemplo do milho, feijão-caupi e mandioca, e a produção de arroz é voltada para o consumo próprio, com a comercialização do excedente produzido. Também há o cultivo de arroz de sequeiro no estado, para abertura de áreas para plantio de soja, por médios e grandes agricultores, sendo um cultivo sazonal. Para a safra 2025/26, estima-se uma redução na área de plantio em relação à safra anterior, em razão de alguns fatores como baixos preços praticados no mercado e substituição/rotação de cultura.

Piauí: a lavoura no cultivo irrigado é por inundação ou cultivada em vazante, e o período de plantio da cultura no estado ocorre em maio. Para esta safra,

deve manter uma área similar à da safra anterior, mas com provável redução. Quanto ao arroz de sequeiro, o cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, porém tem-se observado a implantação da cultura também na região norte em aberturas de áreas para cultivo de soja.

A semeadura foi iniciada no sudoeste do estado em virtude do bom nível de umidade do solo. Para esta safra, a perspectiva indica para uma redução de área em relação à safra anterior.

Rondônia: as condições climáticas de chuvas acima da média e temperaturas elevadas têm sido essencial para o desenvolvimento das lavouras em campo. Por questões principalmente mercadológicas, a decisão de plantio, ainda na janela ideal, tem sido influenciada nas expectativas desta safra. Da área total prevista, menor em comparação com a safra anterior, foi implantada somente um terço, demonstrando cautela quanto ao mercado, reduzindo significativamente a área implantada com a cultura. As observações em campo mostraram as lavouras com 99,3% em desenvolvimento vegetativo.

Goiás: as áreas cultivadas em tabuleiros têm apresentado um calendário de semeadura mais distribuído, com plantios se estendendo até janeiro de 2026. As lavouras semeadas em tabuleiros já estão sendo colhidas de forma escalonada e algumas lavouras irrigadas por pivô central encontram-se em fase de colheita.

É importante destacar que as áreas cultivadas sob irrigação há a informação de redução de 25% da área plantada de arroz, nos municípios de Flores de Goiás, Formosa e São João d'Aliança, em comparação com a safra anterior, devido às condições de mercado pouco atrativas.

Os estádios fenológicos estão distribuídos em todas as fases de desenvolvimento da planta, até com algumas áreas já colhida. O cultivo de arroz de sequeiro tem sido limitado as áreas de associações e assentamentos rurais, estando, em sua maioria, restrita a plantios de subsistência e a lavouras comunitárias, e algumas associações de produtores ainda planejam realizar a semeadura.

Paraná: para o arroz irrigado, o clima tem sido favorável ao desenvolvimento vegetativo, em que as lavouras têm se beneficiado das altas temperaturas (máximas entre 30 °C e 38 °C), com manejo eficiente das lâminas d'água nos reservatórios. Embora o regime de chuvas esteja abaixo da média histórica, as precipitações ocorridas favoreceram a manutenção dos níveis de água necessários para as exigências hídricas da cultura até o momento.

O cenário de maior luminosidade e menor umidade relativa também é fator positivo por reduzir a pressão de doenças fúngicas foliares, permitindo um crescimento vigoroso antes da fase de floração. A cultura está com 100% da área plantada, com 88% em desenvolvimento vegetativo, 6% em frutificação e 2% em maturação.

A área implantada teve redução, especificamente na região de Umuarama, em razão de condição comercial desfavorável. Para o arroz de sequeiro, o clima apresenta desafios significativos devido à dependência direta das chuvas para o plantio e manutenção da cultura em campo.

Embora frentes frias pontuais em meados de dezembro tenham trazido alívio temporário e recuperação da umidade do solo em algumas áreas, a tendência de um final de mês mais seco e com alta radiação solar exige um manejo rigoroso de solo para evitar o abortamento de espiguetas e garantir a produtividade, já que o arroz de sequeiro possui baixa tolerância a veranicos

prolongados nesta fase do ciclo. Neste sistema, a cultura está também com 100% da área plantada, com 54% em estádio de desenvolvimento vegetativo, 37% em floração, 5% em frutificação e 4% em maturação. As condições das lavouras são consideradas 97% como boas e 3% como regulares.

Pará: as áreas de lavouras irrigadas apresentaram boas condições em campo, devido ao bom pacote tecnológico e disponibilidade de irrigação constante, assim como boa luminosidade, apesar da menor incidência solar durante longos períodos de chuva ainda durante a semeadura, e sem relatos de problemas fitossanitários, como a brusone.

A colheita já foi encerrada. Nas áreas de plantio com arroz de sequeiro, o plantio começou a evoluir com certo atraso devido à instabilidade das primeiras chuvas. Muitas regiões experimentaram o início das chuvas com veranicos, retardando a semeadura. As chuvas estão mais constantes e regulares no sudeste e sudoeste do estado. Contudo, as lavouras estão em pleno desenvolvimento vegetativo, com bom estande na maior parte do estado.

Mato Grosso: os volumes de chuvas até o momento têm sido suficientes para proporcionar um bom desenvolvimento do arroz em sequeiro. O desenvolvimento das plantas é considerado satisfatório, onde as lavouras cultivadas têm apresentado boas condições fitossanitárias. As operações de implantação da cultura se encaminham para a conclusão, predominando as fases vegetativa e reprodutiva. O cenário é bastante adverso para a decisão de plantio em termos mercadológicos, com cotações pouco atrativas, há um desestímulo à semeadura para a temporada 2025/26, havendo a possibilidade de redução de área ainda maior da cultura nesta safra.

Mato Grosso do Sul: a semeadura foi praticamente finalizada, no entanto, em algumas áreas de várzeas cultivadas com soja, cuja colheita deve ocorrer em janeiro, é provável que ocorra a semeadura de arroz em sucessão. As condições climáticas têm sido bastante favoráveis, e apesar de períodos prolongados de nebulosidade e baixa incidência solar, as lavouras encontram-se em boas condições de desenvolvimento.

Os tratos culturais nas lavouras estão em execução, variando conforme a fase que se encontra os talhões. Não há relatos de pragas com ocorrência acima da normalidade. Estima-se uma redução acentuada na área cultivada em razão dos preços reduzidos praticados no mercado, além da dificuldade na aquisição dos insumos. Além disso, com os custos de produção elevados, o uso de alguns fertilizantes também pode ser mais reduzido nesta safra, podendo refletir na produtividade das lavouras.

Minas Gerais: no sul do estado, onde o arroz é cultivado sob os tabuleiros irrigados, o plantio já foi concluído, e as lavouras se desenvolvem em boas condições, sendo as áreas semeadas mais cedo já em fase reprodutiva.

No norte e leste do estado, as áreas de arroz de sequeiro e de várzeas úmidas também já tiveram seu plantio concluído. Com o retorno das chuvas, as lavouras recuperaram seu vigor e desenvolvimento, mas estão um pouco mais atrasadas no desenvolvimento vegetativo que as lavouras irrigadas, devido ao plantio mais tardio, ocasionado pela falta de regularidade das chuvas.

Ressaltamos que no Noroeste e Triângulo Mineiro, onde houve grande expansão nas últimas safras, espera-se uma redução significativa na área plantada para esta safra, devido, principalmente, aos preços pouco atrativos do cereal. Até o momento, a expectativa é que lavouras de arroz sejam cultivadas somente em sucessão à soja cultivada sob pivôs.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica											
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RR**	Norte de Roraima	0,67			S/E	DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
RO	Leste Rondoniense	0,86			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C			
PA	Marajó**	0,68	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C							
TO**	Occidental do Tocantins	7,17			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense	3,57			PS	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
MG**	Noroeste de Minas	0,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR**	Noroeste Paranaense	1,09		S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,38	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
SC**	Vale do Itajaí	1,93	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Sul Catarinense	7,00		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	5,15		S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	3,19		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
RS**	Metropolitana de Porto Alegre	15,11		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	28,65		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Sudeste Rio-grandense	14,64		S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa da produção de arroz para a safra 2025/26, agora projetada em 11,06 milhões de toneladas. Esse volume representa redução de 13,3% em comparação com a safra anterior, 2024/25, estimada em 12,76 milhões de toneladas. A queda é atribuída à expectativa de diminuição tanto da área plantada, -9,9%, quanto da produtividade, -3,8%, da cultura no próximo ciclo.

Esse cenário é reflexo da forte retração nos preços pagos ao produtor, que tem impactado negativamente a rentabilidade do setor. Assim, há uma tendência clara de redução na área cultivada nos principais estados produtores.

Além disso, após uma safra 2024/25 favorecida por condições climáticas ideais e maiores investimentos, o que resultou em recordes de produtividade em várias regiões, a expectativa para 2025/26 é menos otimista. Espera-se um clima menos propício ao cultivo e menor aporte de recursos no campo, motivado pelos preços baixos.

Quanto ao mercado externo, a projeção para 2024/25 é de um aumento nas exportações brasileiras, que devem atingir 1,7 milhão de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pelos preços internos baixos e pela oferta nacional excedente. Para a safra 2025/26, com a continuidade da ampla oferta no mercado interno, as exportações devem crescer ainda mais, podendo chegar a 2,1 milhões de toneladas.

As importações devem permanecer estáveis em ambas as safras, com previsão de 1,4 milhão de toneladas. O consumo interno está estimado em 10,5 milhões de toneladas na safra 2024/25, praticamente inalterado em relação à safra anterior, comportamento refletido na evolução dos parâmetros de comercialização do Rio Grande do Sul, principal estado produtor. Para a safra 2025/26, a expectativa de manutenção de preços atrativos ao consumidor no varejo deverá resultar em leve expansão da demanda nacional, com consumo projetado em 10,8 milhões de toneladas.

Dessa forma, espera-se um aumento significativo nos estoques de passagem ao final da safra 2024/25 (fevereiro de 2026), alcançando 2,45 milhões de toneladas, devido ao excedente atual de oferta. Para 2025/26, a tendência

é de queda nos estoques (fevereiro de 2027), ainda que permaneçam em nível elevado, com projeção de 2,02 milhões de toneladas.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	187,6	11.183,4	1.351,1	12.722,1	10.205,7	1.762,4	754,0
2020/21	754,0	11.766,4	895,1	13.415,5	10.802,1	1.311,1	1.302,3
2021/22	1.302,3	10.780,5	1.337,3	13.420,1	10.506,4	2.067,1	846,6
2022/23	846,6	10.031,8	1.550,3	12.428,7	10.324,1	1.696,7	407,9
2023/24	407,9	10.577,0	1.421,5	12.406,4	10.547,4	1.362,2	496,8
2024/25	496,8	12.757,7	1.400,0	14.654,5	10.500,0	1.700,0	2.454,5
2025/26	dez/26	2.054,5	11.170,2	1.400,0	14.624,7	11.000,0	2.100,0
	jan/26	2.454,5	11.061,4	1.400,0	14.915,9	10.800,0	2.015,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/26

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA
2.641,6 mil ha
-1,9%

PRODUTIVIDADE
1.153 kg/ha
+1,5%

PRODUÇÃO
3.046,2 mil t
-0,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A cultura tem ampla importância na agricultura nacional, especialmente pela sua relevância na alimentação humana e, em particular, no hábito alimentar dos brasileiros. Seu alto valor nutricional e o seu “casamento perfeito” com o arroz faz da cultura uma das graníferas mais abrangentes pelo país, tendo produção nas cinco regiões e praticamente em todos os estados, considerando-se aqui os três grandes grupos acompanhados pela Companhia: feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

Além dos fatores alimentícios, a cultura tem seu apelo agronômico, principalmente pelo seu ciclo fenológico mais curto, que possibilita ao produtor ajustar melhor o plantio dentro de uma janela reduzida, sem a necessidade de abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2025/26

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,7
2023/24	861,1	1.094	942,3
2024/25	908,5	1.170	1.062,7
2025/26	Dez./25	796,0	941,6
	Jan./26	807,6	983,6

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a maior regularidade das chuvas no último mês, somada à participação da irrigação suplementar em algumas das regiões produtoras, ajudaram no avanço e conclusão do plantio do feijão neste primeiro ciclo, bem como no desenvolvimento da cultura até então.

As lavouras, que estão, majoritariamente, nos estádios de floração e enchimento de grãos, apresentaram boa resistência nos períodos de escassez pluviométrica e de calor, que assolaram grande parte das regiões produtoras em determinado momento do ciclo.

Embora as condições atuais se mostrem satisfatórias, há uma preocupação fitossanitária, especialmente no noroeste mineiro, com a elevação da população de mosca-branca, podendo ser um potencial problema ao desempenho da cultura.

Bahia: o retorno das chuvas na região centro-sul foi um fator de destaque no último mês, viabilizando a retomada da semeadura e o desenvolvimento inicial mais adequados da cultura nessa localidade. Isso, até mesmo reverteu a expectativa de redução na área plantada na região, devido à volta das precipitações, os produtores de feijão-comum cores optaram pelo plantio da cultura, aumentando assim a estimativa total de área para o produto no estado.

Nas demais regiões produtoras (oeste e centro-norte), as lavouras já estão implantadas e seguem boa evolução geral, tanto no aspecto fenológico como no fitossanitário, com baixos níveis de infestação de pragas, especialmente a mosca-branca, e de doenças.

Goiás: o regime de chuvas durante dezembro foi mais favorável, auxiliando no desenvolvimento da cultura e na conclusão do plantio, que foi efetivado ainda no início do mês. Houve a confirmação da redução de área plantada em comparação à temporada passada, principalmente em áreas do leste do estado. Ali, a participação do cultivo sob pivô central é expressiva, porém a escassez de precipitações no início do ciclo afetou os reservatórios hídricos. Além disso, houve uma questão mercadológica, visto que os preços pagos pelo feijão recentemente foram considerados baixos em relação ao seu custo de produção, tornando-se menos competitivo frente a outros cultivos de verão, como a soja. A maior probabilidade é que essa redução atual seja fruto de um redirecionamento, com boa parte desses produtores migrando o plantio do feijão para a terceira safra, entre abril e maio de 2026.

Quanto às condições gerais da cultura, percebe-se bom desenvolvimento das lavouras, com um controle de pragas e doenças satisfatório, resultando em baixa pressão de doenças e reduzindo drasticamente a carga de defensivos.

Contudo, há uma preocupação atual, que fica por conta dos registros de temperaturas elevadas, podendo provocar danos foliares e abortamento de botões florais em casos de persistência dessa condição por dias seguidos.

Paraná: a influência de La Niña trouxe chuvas irregulares e temperaturas elevadas, que aceleram o ciclo da cultura e podem impactar no rendimento final dos grãos, embora esse clima mais seco favoreça o início da colheita, que começou no final de dezembro, entre as lavouras mais precoces, e mostrou boa qualidade de grãos nesses primeiros lotes, com secagem adequada do produto e sem danos por excesso de umidade.

De maneira geral, as lavouras apresentam uma fenologia heterogênea, embora a grande maioria já esteja em fases reprodutivas, inclusive com colheita em andamento.

As condições das lavouras se distribuem entre boas e regulares, com perspectiva de potencial produtivo satisfatório.

O fator negativo no ciclo fica por conta da redução na área plantada em relação à temporada anterior, visto que o alto custo de produção do feijão, somado à entrada esporádica de produtores em anos de alta nos preços, como no ano passado, foram cruciais nesse decréscimo, visto que na safra atual houve tendência de retomada do cultivo de outras graníferas como milho e soja, que neste momento se mostram mais rentáveis do que o feijão.

São Paulo: houve grande avanço da colheita no último mês, findando o período com cerca de 90% da área total colhida. As chuvas registradas nas últimas semanas, embora não tenham inviabilizado a evolução das operações, acabaram por dificultar a secagem natural dos grãos durante a maturação e impactou na qualidade final de alguns lotes.

No geral, a cultura apresentou bom desenvolvimento e se favoreceu do manejo aplicado, com boa parte da área semeada sendo mantida sob irrigação de pivô central e assim mitigando a falta de água nos momentos de escassez pluviométrica.

Santa Catarina: a semeadura do feijão-cores é, tradicionalmente, mais tardia que a do feijão-preto, concentrando-se, principalmente, no Planalto Sul do estado. Ali, ainda há semeadura em vigência, com cerca de um quarto da área total a ser plantada nas primeiras semanas de 2026.

Vale ressaltar que as estimativas apontam um recuo ainda maior na área semeada em comparação a 2024/25, com ajuste nas previsões divulgadas no último levantamento, justificadas por fatores como: baixo preço de comercialização do grão, condições climáticas adversas no início do ciclo que acabaram por deslocar a janela ideal de semeadura e perspectiva de impacto dessas oscilações do clima e do calendário de plantio sobre o potencial produtivo da cultura.

Quanto às lavouras já implantadas, as condições gerais variam entre boas e regulares, com exceções pontuais de áreas que foram afetadas por períodos mais prolongados de estiagem e calor ou por episódios de granizo que danificaram algumas lavouras em localidades específicas.

Rio Grande do Sul: a semeadura iniciou no último mês, após a conclusão da colheita dos cereais de inverno e a retomada das chuvas, alcançando cerca de um terço da área prevista. De maneira geral, o cultivo se concentra principalmente na região do Planalto Superior, onde as condições edafoclimáticas são favoráveis à cultura, especialmente nesse cenário de semeadura mais tardia. O uso de bom pacote tecnológico pelos produtores da região é importante para garantir um bom volume de produção.

Mato Grosso: o volume de chuvas durante dezembro foi bastante benéfico para o avanço do plantio, que ultrapassou a metade da área total prevista ao final do mês, e também foi favorável para o desenvolvimento vegetativo das lavouras já implantadas. A cultura segue com bom desenvolvimento nas fases preliminares, em excelente sanidade e vigor nutricional.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: a influência de La Niña trouxe chuvas irregulares e temperaturas elevadas que aceleram o ciclo da cultura e podem impactar no rendimento final dos grãos, embora esse clima mais seco favoreça o início da colheita, que começou ao final de dezembro entre as lavouras mais precoces, e mostrou boa qualidade de grãos nesses primeiros lotes, com secagem adequada do produto e sem danos por excesso de umidade.

De maneira geral, as lavouras apresentam uma fenologia heterogênea, embora a grande maioria já esteja em fases reprodutivas, inclusive com colheita em andamento.

As condições das lavouras se distribuem entre boas e regulares, com perspectiva de potencial produtivo satisfatório.

O fator negativo no ciclo fica por conta da redução na área plantada em relação à temporada anterior, visto que o alto custo de produção do feijão, somado à entrada esporádica de produtores em anos de alta nos preços, como no ano passado, foram cruciais nesse decréscimo, visto que na safra atual houve tendência de retomada do cultivo de outras graníferas como milho e soja, que nesse momento se mostram mais rentáveis do que o feijão.

Santa Catarina: a cultura se concentra em três grandes regiões do estado, sendo elas: Planalto e Serra, Meio-Oeste e Extremo-Oeste. Em todas houve avanço do plantio no último mês, alcançando ao seu final 94% da área prevista semeada e considerando que as áreas mais tardias estão sendo cultivadas em sucessão com a colheita de cereais de inverno, especialmente o trigo.

No geral, as estimativas de área semeada indicam para um recuo ainda maior se comparada a 2024/25, visto que houve novo decréscimo nas previsões em relação ao divulgado no último levantamento. Os fatores que justificam essa queda estão atrelados à redução dos preços de comercialização do grão, condições climáticas adversas no início do ciclo que acabaram por deslocar a janela ideal de semeadura e à perspectiva de impacto dessas oscilações do clima e do calendário de plantio sobre o potencial produtivo da cultura.

Quanto às lavouras já implantadas, as condições gerais variam entre boas e regulares, com exceções pontuais de áreas que foram afetadas por períodos mais prolongados de estiagem e calor ou por episódios de granizo que danificaram algumas lavouras em localidades específicas.

Rio Grande do Sul: embora o plantio ainda esteja em andamento, especialmente na região do Planalto Superior, que tem semeadura tradicionalmente mais tardia, com o cultivo em sucessão à colheita dos cereais de inverno, a colheita foi iniciada em algumas regiões do estado. Pequenas lavouras de ciclo mais precoce começaram a sega, a partir da segunda quinzena de dezembro, especialmente em áreas do Oeste e da Depressão Central. Porém, essa colheita ainda é incipiente, representando 1% da área total do estado.

As produtividades obtidas nesses primeiros lotes são satisfatórias, considerando que as lavouras colhidas neste momento não foram tão

prejudicadas pela restrição hídrica provocada pela estiagem que ocorreu entre novembro e dezembro, nem pelas altas temperaturas observadas no início de dezembro.

Nas áreas semeadas mais tarde, como aquelas em sucessão ao cultivo de tabaco, as precipitações do meio de dezembro proporcionaram a retomada do desenvolvimento vegetativo, e a expectativa de produtividade segue próxima da inicial.

Em dezembro também iniciou a semeadura no Planalto Superior, principal região produtora da cultura. A região é responsável por 20% da área cultivada.

As precipitações ocorridas no segundo decêndio de dezembro permitiram boas condições de umidade no solo e o avanço das operações de preparo das áreas e a própria semeadura.

Apesar das perdas já consolidadas em algumas lavouras, o potencial produtivo da cultura se mantém positivo, especialmente na principal região produtora, onde as condições climáticas foram menos adversas.

Minas Gerais: a maior regularidade das chuvas no último mês permitiu o avanço e a consequente conclusão do plantio do feijão nesse primeiro ciclo.

As lavouras, que estão, majoritariamente, nos estádios de floração e enchimento de grãos, apresentaram boa resistência nos períodos de escassez pluviométrica e de calor, que assolaram grande parte das regiões produtoras em determinado momento do ciclo. Assim, a condição geral da cultura é satisfatória, embora haja preocupação em algumas áreas em virtude do aumento da população de mosca-branca, podendo ser um potencial problema para o rendimento e a qualidade do grão obtido.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: o plantio começou a partir da segunda quinzena de dezembro e, com a retomada das chuvas, vem evoluindo gradativamente, tendo maior avanço especialmente no sudoeste do estado, onde os níveis de umidade nos solos estão maiores.

O cultivo ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e abrange praticamente todas as regiões do estado.

Bahia: embora se venha consolidando a estimativa de redução de área plantada no centro-sul do estado devido às irregularidades climáticas, escassez de mão de obra, baixo retorno financeiro e concorrência com outros cultivos menos laborosos, como as pastagens, as condições daquelas lavouras que foram implantadas se apresentam em boas condições gerais, especialmente por conta da retomada das chuvas nas últimas semanas.

Aliás, o retorno das precipitações também se deu nas demais regiões produtoras, centro-norte e oeste, e isso vem favorecendo o desenvolvimento vegetativo da cultura, que apresenta, além de um crescimento satisfatório, um aspecto fitossanitário adequado, com baixa infestação de pragas e doenças.

O plantio está em fase final de execução, restando pequenas áreas de semeadura mais tardia que devem ser concluídas nos próximos dias.

Maranhão: o plantio avançou, principalmente na região sul do estado, onde as chuvas foram menos irregulares. Ao final de dezembro, pouco mais de um quarto da área total prevista havia sido semeada. Segue a estimativa de diminuição na destinação de área para o plantio em comparação com a safra 2024/25, especialmente por conta da concorrência com outros cultivos e às oscilações climáticas em algumas localidades do estado.

No estado há predomínio do cultivo familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em sistemas consorciados com as culturas de arroz, milho e mandioca, o que resulta frequentemente em baixos rendimentos. Inclusive, há usualmente subsídio por meio de políticas públicas que estimulam essa produção.

Minas Gerais: a maior regularidade das chuvas no último mês permitiu o avanço e a consequente conclusão do plantio do feijão nesse primeiro ciclo.

As lavouras, que estão, majoritariamente, nos estádios de floração e enchimento de grãos, apresentaram boa resistência nos períodos de escassez pluviométrica e de calor, que assolaram grande parte das regiões produtoras em determinado momento do ciclo. Assim, a condição geral da cultura é satisfatória.

Tocantins: o plantio nas áreas em sequeiro avançou e foi concluído no último mês. As condições pluviométricas foram mais regulares e permitiram a execução da semeadura nas áreas que restavam, além de um cenário favorável para o desenvolvimento das lavouras.

Já as lavouras irrigadas (sistema de várzea) são cultivadas mais cedo, e tiveram a colheita finalizada nesse mesmo período. Tal cultivo fica concentrado nas regiões de Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia.

Mato Grosso: o plantio foi finalizado no último mês, e as lavouras seguem em bom desenvolvimento, favorecidas, principalmente, pelo regime pluviométrico mais elevado e regular.

Pernambuco: as precipitações ocorridas a partir do final de novembro ficaram abaixo da média climatológica, e a temperatura média tem

variado de normal a acima da média, resultando numa queda no rendimento da cultura.

As lavouras se encontram em fase de maturação e início de colheita. Considerando a restrição hídrica, prevê-se menor rendimento em relação ao potencial produtivo da leguminosa.



Foto 3 - Feijão-caupi 1ª safra - Maturação - Lajedo-PE

Fonte: Conab.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PI	Norte Piauiense	0,77						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro-Norte Piauiense	0,96						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	2,36						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Sudeste Piauiense	2,28						S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PE	Agreste Pernambucano	0,75		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C					
	Extremo Oeste Baiano **	11,68		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
BA	Vale São-Franciscano da Bahia	0,89										
	Centro Norte Baiano	0,71										
MT	Centro Sul Baiano	2,58										
	Norte Mato-grossense	0,69		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG		EG/M/C	C			

continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2025/26									
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
GO	Leste Goiano	5,75			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Goiano	4,31			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,30			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
DF	Distrito Federal	2,44			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Noroeste de Minas	5,83			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Norte de Minas	1,08				S/E	S/E/DV	F/EG	M/C			
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,41			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,66			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,89			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Sul/Sudoeste de Minas	3,08			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,56			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,39			S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C			
PR	Itapetininga**	0,85	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C					
	Norte Pioneiro Paranaense	1,41		S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,12	S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
SC	Oeste Paranaense	1,37	S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Sudoeste Paranaense	1,41	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
	Centro-Sul Paranaense	4,39	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C				
RS	Sudeste Paranaense	8,59	S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	2,23	S/E		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Oeste Catarinense	1,99	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C			
SC	Norte Catarinense	1,43	S/E		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
	Serrana	2,04	S/E		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C		
RS	Noroeste Rio-grandense	1,06	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C					
	Nordeste Rio-grandense	2,80	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M/C	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No mercado atacadista em São Paulo, o mercado iniciou o ano sem novidades, calmo, com um bom volume ofertado e os preços dos melhores tipos recuaram. A mercadoria extra EL foi cotada em R\$ 250 por saca, 3,8% abaixo do registrado no final de dezembro.

O abastecimento do mercado paulista está sendo processado, em sua maioria, com produtos oriundos do próprio estado e em menor escala de

Minas Gerais, Goiás e do Paraná, visto que os lotes provenientes desses três últimos estados apresentam um volume considerável de grãos tipo comercial nota 8 para baixo, e a maioria com baixa umidade.

Segundo agentes de mercado, a expectativa é que os preços continuem em baixa. A escassez de mercadoria recém-colhida de boa qualidade vem de certa forma impedindo uma maior queda das cotações, e uma recuperação dos atuais valores praticados no mercado fica condicionada ao comportamento climático.

Diante desta situação, os comerciantes se sentem numa situação cômoda para programar suas compras, aguardando, até mesmo, o incremento da oferta de feijão novo, escasso no mercado, acreditando que, caso não ocorram problemas severos de ordem climática, e/ou expressivo aquecimento da demanda, a tendência é que, na melhor das hipóteses, os preços fiquem nos atuais patamares, com melhoria na qualidade do grão.

O cultivo da safra das águas vem sendo bem conduzido tecnicamente e beneficiado pelas boas condições climáticas. Em São Paulo, a colheita está concluída, e cerca de 80% da produção já foi comercializada pelos produtores. No Paraná, as lavouras se encontram uniformemente divididas nas fases de floração, enchimento de grãos e maturação, com 25% da área já colhida. Já em Minas Gerais, maior estado produtor, a colheita não começou.

Nas regiões produtoras, o produto segue apresentando oscilações negativas de preços, mas sempre em patamares remuneradores, caracterizando a pouca oferta do grão, tanto em termos de qualidade como em quantidade.

A flexibilidade dos preços segue atrelada ao volume ofertado e à qualidade do produto, e a maior procura é para os padrões comerciais por contarem

com menores preços e facilidade no repasse para o varejo, evitando assim maior lentidão nas vendas.

O volume de produção estimado para a primeira safra está muito ajustado ao consumo, todavia, com a intensificação da colheita na Região Sul, Minas Gerais e Goiás, a oferta de mercadoria extra deverá aumentar, pressionando as cotações para baixo. Tal situação deixa o comprador em posição de espera por melhores condições de compras – preço e qualidade.

Assim, pouco resta de produção para suprir o abastecimento interno, e mesmo com a intensificação da colheita no Paraná, em janeiro, os preços tendem a ser compensadores aos produtores, reforçados, em parte, pelo atraso da semeadura em Minas Gerais, maior estado produtor, cuja colheita está prevista para começar a partir de fevereiro.

O mercado passa por um momento de indefinição; por um lado, verifica-se um aumento da oferta da safra das águas e queda gradativa da demanda em virtude das férias escolares. Por outro, existe, por parte dos compradores, a necessidade de reposição de seus estoques.

A comercialização vem enfrentando o mesmo gargalo, qual seja, o varejo. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda são baixos, com o risco de o produto ficar mais caro diante do quadro de oferta mais apertado.

Contudo, a safra em curso apresenta um volume de produção pouco abaixo da registrada em 2024/25 e, caso ocorra qualquer problema de ordem climática, o quadro de suprimento ficará bastante apertado, podendo contribuir para uma recuperação dos preços ao produtor.

As atenções agora estão voltadas para a segunda semana de janeiro de 2026, após as férias escolares. Durante esse período é importante acompanhar as condições climáticas, especialmente na Região Sul, já que boa parte das áreas estão em ponto de colheita e deverão abastecer o mercado no início do ano.

Contudo, a safra em curso apresenta um volume de produção inferior à registrada em 2024/25 e, caso ocorra qualquer problema de ordem climática, o quadro de suprimento ficará bastante apertado, podendo contribuir para uma recuperação dos preços ao produtor.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O estoque remanescente de posse das indústrias e a oferta oriunda da nova safra, no Paraná, ainda que pequena, estão sendo suficientes para garantir o abastecimento com folga, passando certa tranquilidade para que os comerciantes programem suas aquisições. Com isso, o ritmo de vendas segue fraco, e as cotações pressionadas para baixo e com poucas perspectivas de melhora, devido à intensificação da colheita da primeira safra na Região Sul.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2024 foram importadas 22,2 mil toneladas, ou seja, 46,8 mil toneladas a menos que o volume registrado no mesmo período de 2023. Esta redução deve-se, em parte, ao volume recorde de produção colhido na segunda safra no Paraná, quantidade superior ao consumo estimado e o maior registrado na história. Quanto às exportações, de janeiro a dezembro de 2024, foram exportadas 343,6 mil toneladas, contra 139 mil toneladas no mesmo período de 2023. Cabe esclarecer que um dos principais motivos para essa expressiva evolução foi a demanda atípica de feijão-preto por parte dos corretores/exportadores.

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em dezembro, chega em um volume médio de produção estimado em 3,05 milhões de toneladas, 0,5% abaixo da anterior.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 106,3 mil toneladas, a manutenção do consumo em 2,8 milhões de toneladas, as importações projetadas em 21,6 mil toneladas, e as exportações de 214,4 mil toneladas, o resultado será um estoque final de 159,8 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.900,0	223,7	121,9
2021/22	121,9	2.990,2	76,1	3.188,2	2.850,0	136,1	202,1
2022/23	202,1	3.036,7	69,0	3.307,8	2.850,0	139,0	318,8
2023/24	318,8	3.198,6	22,2	3.539,6	2.900,0	343,6	296,0
2024/25	296,0	3.060,6	13,9	3.370,5	2.800,0	464,2	106,3
2025/26	dez/25	106,8	3.004,4	21,6	3.132,8	2.800,0	214,4
	jan/26	106,3	3.046,2	21,6	3.174,1	2.800,0	214,4
							159,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2026.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

22.714,1 mil ha

+ 4%

PRODUTIVIDADE

6.114 kg/ha

- 5,3%

PRODUÇÃO

138.867,1 mil t

- 1,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 9 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	3.970,1	5.784	22.962,2
2024/25	3.772,6	6.610	24.935,8
2025/26	Dez./25	6.408	25.907,0
	Jan./26	6.427	25.895,2

Fonte: Conab.

No primeiro decêndio de janeiro, o plantio da primeira safra de milho alcançou 88,3% da área estimada de cultivo, e a colheita já foi iniciada no Rio Grande do Sul, estado que inicia o plantio da safra. Ainda restam áreas a serem plantadas, principalmente, no Maranhão, Tocantins, Piauí e Pará, estados que normalmente têm um calendário de plantio mais tardio. Ele ainda se prolongará até meados de fevereiro.

No Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, eventos climáticos como tempestades, granizo, baixas e altas temperaturas e veranicos, afetaram o potencial produtivo do cereal em muitas lavouras, mas ainda são esperadas boas produtividades nesses estados.

No Pará, Maranhão e Piauí, os plantios acompanham a ocorrência das chuvas, que continuam irregulares. Em Minas Gerais e Goiás, apesar do pequeno atraso no plantio, a regularização das precipitações favorece o desenvolvimento da cultura.

Nesta safra, é esperado um aumento de 6,8% na área cultivada do cereal devido à migração de cultivo de arroz e feijão, além da troca do replantio da soja pelo cultivo do cereal. O cultivo do milho primeira safra está estimado em 4.029,1 mil hectares, com produção de 25,9 milhões de toneladas e produtividade média de 6.427 kg/ha.

ANÁLISE ESTADUAL

Minas Gerais: com o retorno das chuvas em dezembro, as áreas restantes destinadas à cultura foram rapidamente semeadas. Entretanto, houve plantios mais tardios em virtude de áreas de soja perdidas, pois os produtores optaram pelo milho no replantio. Apesar do retorno das chuvas propiciar boa recuperação das lavouras, parte das áreas que foram semeadas mais cedo e estavam em estádios mais avançados de desenvolvimento tiveram seu potencial produtivo comprometido.

Além disso, o clima mais seco nas fases iniciais favoreceu o ataque de lagarta elasmo, reduzindo o estande em parte das áreas. Em dezembro, o clima mais chuvoso dificultou as operações de pulverização e algumas áreas registraram danos

decorrentes de broca e lagarta do cartucho. Nesta safra, com um aumento de 5,1% na área, a expectativa neste levantamento é que a produção atinja 4.098,1 mil toneladas, um aumento de 6,5% em relação à safra passada.

Rio Grande do Sul: a estiagem que ocorreu entre 16 de novembro e 8 de dezembro causou danos às lavouras de milho no estado. Muitas lavouras estavam no florescimento e enchimento de grãos, e as perdas chegam a superar 40% em relação ao potencial de algumas áreas. Nestas, foram observadas perdas consolidadas em razão da não polinização ou polinização parcial, além de prejudicar o enchimento de grãos. Além da estiagem, as altas temperaturas observadas no começo de dezembro causaram danos às folhas, diminuindo a área fotossintética das plantas.

Também foi observada a secagem das folhas do terço inferior das plantas, diminuindo a translocação de fotoassimilados para os grãos. Nas áreas em desenvolvimento vegetativo, o crescimento das plantas foi limitado pela falta de umidade do solo e pelas temperaturas altas, que causaram o fechamento dos estômatos das plantas.

Em algumas regiões e em áreas com melhor manejo do solo, apesar das perdas, as lavouras ainda apresentam potenciais de produtividade concentrados na faixa de 8.000 kg/ha a 8.500 kg/ha. Cabe salientar que o potencial inicial das lavouras e o bom desenvolvimento inicial permitiam expectativas de produtividade próximas a 10.000 kg/ha.

A semeadura da cultura foi interrompida no período e retomada somente após as chuvas de 8 de dezembro a 10 de dezembro nas áreas pós-pastagens e tabaco. Após esse período, o plantio foi retomado e na data de redação deste relatório (20 de dezembro) alcançou 92% da área total prevista. Espera-se lenta evolução da semeadura a partir de agora.

A operação deve perdurar até o final de janeiro em lavouras pós-tabaco, pastagens de inverno, olerícolas e milho silagem. Da área já semeada até 20 de dezembro, 11% já alcançou a maturação, e a colheita deve iniciar ainda em dezembro. Outras 49% estavam em enchimento de grãos e deverão ser colhidos ainda em janeiro, apresentando potencial para o cultivo da soja safrinha.

Em razão do exposto, a perda em relação ao potencial da cultura é estimada em 6% em termos totais para o estado, mas o valor absoluto segue superior à estimativa inicial da Companhia (6.641 kg/ha). Assim, a estimativa inicial de produtividade da cultura está mantida.

Santa Catarina: o plantio de verão foi finalizado no estado, e as lavouras se encontram entre pendoamento, enchimento de grãos e maturação. Houve impactos localizados por calor e estiagem durante a polinização, com perdas pontuais de potencial produtivo, mas sem comprometer o cenário geral. O plantio da safrinha ocorrerá em janeiro e fevereiro.

Paraná: o clima em dezembro foi favorável ao cereal, com a maioria das lavouras apresentando boas condições de desenvolvimento devido às chuvas regulares da primeira quinzena do mês. Mais de 90% das áreas estão em boa situação, beneficiando-se das altas temperaturas e da luminosidade intensa para a fase de desenvolvimento vegetativo e enchimento de grãos.



Foto 4 -Milho 1ª safra - Pré-pendoamento - Campo Magro-PR

Fonte: Conab.

São Paulo: o milho primeira safra encontra-se 100% plantado, e a maioria das lavouras se encontram nos estádios de desenvolvimento vegetativo, com algumas áreas já atingindo os estádios reprodutivos. As chuvas que caem frequentemente continuam a favorecer a cultura.

Mato Grosso do Sul: a safra de milho verão no centro-norte do estado consolida seu estabelecimento após a recuperação hídrica de novembro e no final da primeira quinzena de dezembro. O plantio está praticamente concluído, atingindo 95% da área estimada para o ciclo 2025/26, com as operações remanescentes concentradas em áreas de replantio pontual ou talhões de final de sequência. Cerca de 80% das lavouras encontram-se em estádios vegetativos (entre V4 e V10), e o restante em fases vegetativas de estabelecimento inicial.

Apenas 5% das áreas mais precoces, principalmente em São Gabriel do Oeste e Chapadão do Sul, começam a sinalizar o início do alongamento do colmo e pré-pendoamento. A melhor distribuição das chuvas em novembro foi decisiva para a uniformização dos estandes e o vigor inicial das plantas. No aspecto fitossanitário, o monitoramento se intensificou. Quanto às pragas, a atenção principal se volta para a Lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda*), com

incidência de baixa, exigindo aplicações localizadas onde o nível de ação é atingido, e Cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*). Até o momento, os níveis populacionais se mantêm baixos na maioria das propriedades.

Mato Grosso: o desenvolvimento das lavouras é satisfatório, com as plantas apresentando boas condições de sanidade. Até o momento, não há relatos de ocorrência significativa da praga cigarrinha-do-milho. O pacote tecnológico adotado é classificado como médio, e a produtividade esperada se mantém promissora.

Goiás: a semeadura foi finalizada no estado, e os estádios fenológicos se dividem em: 1% em fase de emergência, 98% em desenvolvimento vegetativo e 1% em floração. As condições climáticas favoráveis contribuíram para um calendário de plantio do milho verão bastante adequado e, visando atender à crescente demanda, algumas dessas áreas serão destinadas à produção de etanol. As áreas irrigadas já estão entrando em fase de enchimento de grãos no sudoeste do estado, e a maior parte sendo destinada à produção de sementes. A área estimada continua em 149 mil hectares, com produtividade média próxima de 10.000 kg/ha.

Distrito Federal: o plantio foi finalizado, e foram observados vários estádios da cultura em campo, desde desenvolvimento vegetativo, emissão do pendão e formação das espigas. O cultivo do cereal começou em outubro, em áreas irrigadas, e se observou um intervalo até a segunda quinzena de novembro para semeadura nas áreas de sequeiro, logo após a melhora nas condições de umidade no solo devido à regularização das chuvas.

Bahia: as condições climáticas, com ocorrência de chuvas regulares, favoreceram a rápida evolução do plantio e o bom desenvolvimento das lavouras. As lavouras encontram-se desde o estádio de germinação até o

enchimento de grãos. Os produtores seguem atentos à possibilidade de veranicos em janeiro de 2026, realizando o manejo nutricional de forma a reduzir os impactos de tal intempérie, no entanto, estão otimistas com a safra.



Foto 5 -Milho 1ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Barreiras-BA

Fonte: Conab.

As lavouras apresentam bom desenvolvimento e não há relatos de danos com pragas e doenças, desenhandando-se a expectativa de alta produtividade.

Maranhão: em dezembro, a semeadura da primeira safra de milho ocorreu em áreas de municípios do sul e de alguns do oeste do estado, após a regularização das chuvas, e será realizado até fevereiro de 2026 no restante do estado. As lavouras encontram-se em emergência e desenvolvimento vegetativo, apresentando bom estabelecimento inicial.

A área de plantio da primeira safra no estado está estimada em 311,2 mil hectares, com expansão de 4,4% em relação ao ano anterior, sobretudo na região sul, impulsionada pela implantação de uma biorrefinaria de grãos em Balsas, que gerou uma alta demanda de milho e sorgo para fabricação de etanol e seus subprodutos; e aumento de área identificados nas regiões do

oeste e leste devido a bons preços e demanda para o produto. No entanto, observamos redução de área de plantio em municípios das regiões norte, oeste, centro e leste do estado, em razão de reavaliação de dados ou rotação de cultura com a soja.

Piauí: a cultura tem sua semeadura realizada em quase sua totalidade em dezembro na região do Cerrado piauiense (sudoeste), porém, nesta safra, como na safra anterior, teve início no último decêndio de novembro. Devido às paralisações no plantio da soja, alguns agricultores optaram por iniciar a semeadura do milho utilizando a semente do milho que seria utilizada na safrinha, por conta do atraso no plantio da soja, que irá reduzir a janela de plantio da safrinha. Para esta safra, há perspectiva de uma redução de área de 1,6% no estado, com produtores ainda pessimistas com o preço do cereal.

Rondônia: as lavouras de milho no estado encontram-se majoritariamente em fase de desenvolvimento vegetativo, com condições climáticas favoráveis devido às chuvas regulares. Entretanto, apesar do clima favorável, o setor enfrenta pressões econômicas, como custos de produção elevados, juros altos e escassez de crédito, o que impactou a área cultivada, que, neste levantamento, foi reduzida para 8,2 mil hectares.

Pará: o clima instável de novembro e dezembro em todo o estado atrasou o plantio do cereal. A semeadura acompanha a ocorrência das chuvas e, apesar da irregularidade dessas, as lavouras estão em boas condições de campo.

Tocantins: no final de dezembro, 90% da área estimada de cultivo foi semeada. A regularização das chuvas neste mês propiciou boas condições de emergência e desenvolvimento da cultura. As áreas semeadas precocemente nas regiões de várzea já entraram em maturação e devem ser colhidas em janeiro.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica														
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	2,69				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C		
TO	Occidental do Tocantins	0,80					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,58					S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Oeste Maranhense	1,84						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MA	Leste Maranhense	0,46						S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	4,29					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	5,30				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	7,38	S/E	S/E/DV	E/DV			DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
MT	Norte Mato-grossense	0,80			PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Centro Goiano	0,59			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
GO	Leste Goiano	2,35			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano	2,38			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
DF	Distrito Federal	0,59			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas	2,34			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,73			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	5,19			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C	C		
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	0,45			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,66			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,23			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,35			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,62			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	São José do Rio Preto	0,52			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,51			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SP	Bauru	0,97			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,34			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	1,96			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,69			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,64			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Oeste Paranaense	0,65			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
PR	Sudoeste Paranaense	1,15			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,98			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Paranaense	1,93			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba	1,32			S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2025/26											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SC	Oeste Catarinense	4,36		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,27		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,59		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,48		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense	11,63	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	3,12		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,82	S/E	S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,48		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	1,59		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 10 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	16.437,4	5.479	90.057,8
2024/25	17.427,9	6.499	113.271,4
2025/26	Dez./25	6.106	110.461,0
	Jan./26	6.105	110.461,0

Fonte: Conab.

O plantio da segunda safra de milho 2025/26 foi iniciado, pontualmente, no final de dezembro e início de janeiro em áreas do Paraná, Mato Grosso e Pará, mas em ritmo lento devido às chuvas frequentes nas regiões produtoras. As estimativas de produtividade ainda são baseadas em modelos estatísticos.

O atraso inicial no plantio da soja em grande parte do país deslocará a janela de plantio do cereal para épocas pouco favoráveis, podendo o produtor

optar por outras culturas para a sucessão à soja. Além disso, poderá haver redução do pacote tecnológico nos plantios mais tardios.

O progresso do plantio da segunda safra de milho dependerá do andamento da colheita da soja, que deverá se intensificar em meados de janeiro. A estimativa de área e produção foram mantidas em 18,01 milhões de hectares e 110,5 milhões de toneladas do cereal, respectivamente.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	650,1	3.868	2.514,9
2024/25	Dez./25	639,4	4.517
	Jan./26	639,4	4.494
			2.888,2
			2.873,4

Fonte: Conab.

A redução das precipitações ocorrida em dezembro, nas principais regiões produtoras, favoreceu o andamento da colheita, que está praticamente finalizada, faltando apenas áreas marginais em Sergipe. A produção total da terceira safra de milho está estimada em 2,88 milhões de toneladas, recorde na série histórica da Companhia.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica										
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas							
UF										
Mesorregiões			Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2024/25						
				MAI	JUN	JUL	AGO	SET		
RR	Sul de Roraima		0,58	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Norte de Roraima		3,61	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
PE	Sertão Pernambucano		0,30	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Agreste Pernambucano		1,82	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
AL	Sertão Alagoano		0,98	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Agreste Alagoano		2,07	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
SE	Leste Alagoano		0,70	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Sertão Sergipano		25,38	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
SE	Agreste Sergipano		16,48	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Leste Sergipano		4,03	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
BA	Extremo Oeste Baiano**		1,77	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Nordeste Baiano		41,67	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		
	Centro Norte Baiano		0,32	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2023)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab prevê uma colheita histórica de milho na safra 2024/25, com produção total estimada em 141,04 milhões de toneladas — o maior volume já registrado no país. Este desempenho expressivo é resultado da combinação entre ganhos de produtividade no campo e a expansão da área dedicada ao milho de segunda safra.

No mercado interno, o consumo previsto para 2025 é de 90,56 milhões de toneladas, um acréscimo de 7,8% em relação à safra anterior. Esse

crescimento é atribuído principalmente ao aumento da utilização do milho na produção de etanol, que vem ganhando cada vez mais relevância no setor energético.

Quanto ao comércio internacional, a Conab estima importações de 1,7 milhão de toneladas na safra 2024/25. As exportações, por sua vez, devem atingir 41,5 milhões de toneladas, impulsionadas pela ampla oferta interna e pela maior demanda internacional pelo grão. Ao final da safra, os estoques de milho devem alcançar 12,56 milhões de toneladas em fevereiro de 2026.

Para a safra 2025/26, as projeções indicam expansão da área plantada, tanto na primeira como na segunda safra. Na safra de verão, espera-se um crescimento de 6,8% na área cultivada, revertendo a tendência de queda dos últimos anos. Esse avanço será motivado por perspectivas de preços mais favoráveis no primeiro semestre de 2026 e pela possível ampliação da procura por milho brasileiro.

Na segunda safra, a tendência de crescimento persiste, com projeção de aumento de 3,8% na área plantada. Essa expansão é sustentada pela continuidade do modelo produtivo soja-milho, economicamente atrativo. No entanto, uma esperada queda de 6% na produtividade deverá provocar redução de 2,4% na produção total da segunda safra.

Com isso, a produção total de milho para 2025/26 deverá atingir 138,87 milhões de toneladas, representando um recuo de 1,5% em comparação com o ciclo anterior. Essa ligeira retração está relacionada ao elevado nível de produtividade registrado na safra anterior, beneficiada por condições climáticas particularmente favoráveis.

No panorama de abastecimento, a safra 2025/26 deverá registrar um avanço de 4,5% no consumo doméstico, impulsionado pela maior demanda da indústria de etanol. As exportações continuarão em patamar elevado, apoiadas pelo bom desempenho produtivo. Por fim, os estoques de passagem devem apresentar uma leve redução em relação ao ciclo anterior.

TABELA 12 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL ¹
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.466,0	54.634,4	7.201,3
2023/24	7.201,3	115.534,6	1.644,7	124.380,6	83.997,7	38.500,9	1.882,0
2024/25	1.882,0	141.037,4	1.700,0	144.619,4	90.557,1	40.000,0	14.062,3
2025/26	nov/25	140.623,0	138.879,0	1.700,0	154.641,3	94.603,6	46.500,0
	dez/25	12.562,3	138.867,1	1.700,0	153.129,4	94.602,9	46.500,0
							12.026,5

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em janeiro/2026

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

48.672,6 mil ha

2,8%

PRODUTIVIDADE

3.619 kg/ha

-0,1%

PRODUÇÃO

176.124,4 mil t

2,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 13 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019/20	37.361,6	3.382	126.373,8
2020/21	39.762,0	3.525	140.179,3
2021/22	41.793,8	3.130	130.828,7
2022/23	44.514,7	3.575	159.154,3
2023/24	46.095,9	3.282	151.283,4
2024/25	47.346,1	3.622	171.480,5
2025/26	Dez./25	3.620	177.601,6
	Jan./25	3.619	176.124,4

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Dezembro foi marcado por precipitações mais regulares na maioria das regiões produtoras, que ajudaram na recuperação parcial de áreas afetadas por veranicos ocorridos em novembro. Essa melhor distribuição das chuvas permitiu um grande avanço no plantio, que alcançou 98,2% da área estimada na primeira semana de janeiro, um pouco acima das médias dos últimos cinco anos.

Atualmente, a semeadura ainda ocorre no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em cultivos de segunda safra, e no Maranhão e Pará, que, devido ao regime de chuvas diferenciado e ao atraso na regularização das chuvas nesses estados, só finalizarão o plantio em meados de fevereiro.

Apesar do atraso na implantação da cultura, principalmente em outubro, e da irregularidade das precipitações, o desenvolvimento da cultura é considerado satisfatório na maioria dos estados. Entretanto, a continuidade das chuvas nos próximos dois meses será indispensável para a obtenção de boas produtividades, pois a maioria das áreas estarão nos seus períodos de maior demanda hídrica entre janeiro e fevereiro.

A colheita já foi iniciada no Paraná, Mato Grosso, Bahia, Acre e Pará, devendo ganhar velocidade no final de janeiro.

Nesta safra, a estimativa da área cultivada é de 48.672,6 mil hectares, com a oleaginosa, 2,8% superior ao da última safra, e a produção está estimada em 176.124,4 mil toneladas, 2,7% superior à da safra 2024/25. Esses números continuam a indicar uma possibilidade de novo recorde nesta safra que avança.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as condições climáticas no período foram favoráveis, com chuvas mais abundantes e uniformes na segunda quinzena de novembro e ao longo de dezembro, beneficiando o desenvolvimento da cultura e ajudando na recuperação das áreas afetadas pelo deficit hídrico de outubro e novembro. As lavouras apresentam um desenvolvimento vegetativo satisfatório, sem grandes intercorrências relacionadas a estresse hídrico. Em relação ao replantio, este

manteve-se na média histórica, e a expectativa de queda na produtividade nas regiões atingidas pelos veranicos ainda não se confirmou, todavia, de modo geral, o rendimento no estado deverá ser menor que a da safra passada.

Rio Grande do Sul: segue a semeadura da cultura no estado. Na data de redação deste relatório, em 20 de dezembro, 93% da área prevista já havia sido semeada. Nesta safra, observa-se ligeiro atraso em relação às safras passadas. Ele é decorrente das temperaturas mais baixas observadas no início da janela de semeadura (final de outubro), do ciclo mais longo das culturas de inverno (decorrente do inverno e primavera mais frios) e pela estiagem observada entre 16 de novembro e 8 de dezembro, condição que diminuiu a intensidade ou até mesmo paralisou a operação.

As primeiras áreas semeadas já alcançaram o florescimento. Preocupava a condição destas lavouras, pois apresentavam porte reduzido em razão da estiagem, porém, com o retorno das chuvas, ocorrida no final da primeira quinzena de dezembro, houve uma recuperação das lavouras, permitindo expectativas razoáveis de produtividade. Cabe registrar que nestas lavouras já existe uma leve perda consolidada em relação ao potencial da cultura.

Sobre as dificuldades financeiras dos produtores, foi registrado, novamente, relatos de menor aporte de recursos em sementes de qualidade e fertilizantes, condição que deve apresentar impacto na produtividade final das lavouras do estado. Apesar das dificuldades iniciais apresentadas, a estimativa inicial de produtividade da Companhia é inferior ao potencial da cultura. Desta forma, está mantida a estimativa de média final de produtividade de 3.129 kg/ha.

As dificuldades enfrentadas pelos produtores também refletem na estimativa da área cultivada da cultura. Reduzimos a estimativa de área cultivada na safra 2025/26 para 6.949,6 mil hectares, redução de 3% em relação ao estimado

inicialmente pela Companhia. A área inicialmente prevista não será atingida, pois alguns produtores não conseguiram acesso ao crédito para o custeio da lavoura. Outras questões que contribuem para a redução da área inicialmente prevista é o menor risco e preços mais atrativos da atividade de criação de bovinos de corte, bem como as dificuldades impostas para realização da semeadura em meio à estiagem do final de novembro e início de dezembro.

Paraná: as precipitações ocorridas em dezembro ajudaram a recompor a reserva hídrica dos solos, favorecendo o desenvolvimento da cultura em todos os estádios de desenvolvimento em grande parte do estado. Entretanto, a redução das precipitações e o calor intenso na segunda quinzena de dezembro nas regiões oeste e noroeste, com temperaturas máximas superando os 35 °C, afetaram o potencial produtivo da cultura.

Além disso, o clima de novembro impôs severos fatores limitantes, como a baixa luminosidade e a baixa amplitude térmica, que desaceleraram o crescimento, além de eventos climáticos extremos, que provocaram erosões, chuvas, ventanias e tornados. Mesmo assim, a maioria das lavouras apresenta boas condições, visto que grande parte delas já se encontram nos estádios reprodutivos. Algumas áreas semeadas no início da janela de cultivo começaram a ser colhidas.



Foto 6 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Curitiba-PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: dezembro iniciou com chuvas isoladas e baixos volumes em partes das regiões centro e oeste do estado. Em contrapartida, após o primeiro decêndio, ocorreram chuvas abundantes em todas as regiões, com destaque para as regiões centro, sul e leste, que registraram volumes entre 100 mm e 230 mm.

A cultura na região centro-norte e norte apresenta um cenário consolidado, porém fenologicamente diverso. O plantio está concluído. A condição geral das lavouras é considerada dentro da normalidade, com a umidade do solo regularizada. Mesmo assim, na região do entorno dos chapadões foram relatadas chuvas irregulares e com quantidades aquém do esperado. Com isso, alguns municípios, como Costa Rica, apresentaram áreas com problemas de estande e desenvolvimento inicial, que reduziram a projeção de produtividade, sem, no entanto, comprometer a viabilidade econômica da cultura. Nos municípios de Sonora, Pedro Gomes, Coxim, São Gabriel do Oeste e Bandeirantes, observa-se um amplo escalonamento do plantio.

As lavouras encontram-se em estádios que variam de V1 (vegetativo inicial) a R3 (início de formação de vagens), um reflexo direto da irregularidade hídrica no início do plantio. Essa variação nas fases fenológicas presentes termina por exigir um manejo diferenciado e localizado para as próximas semanas. De maneira pontual, boa parte dos municípios da região oeste apresenta perdas no potencial produtivo pela irregularidade das chuvas, provocando redução de estande, requeima de folhas ou tráva no desenvolvimento das plantas, sendo estimado que 3% da área total dessa região foi afetada. Por outro lado, o restante das áreas apresenta excelente condição, com expectativa de atingir o teto produtivo.

Com relação às doenças, praticamente todas as lavouras já receberam a primeira dose preventiva de fungicida e, atualmente, a segunda aplicação

está em plena execução. Em pontos isolados foram detectados incidência de bacteriose e míldio, em consequência da alta umidade.

Goiás: com a semeadura praticamente encerrada no estado, incluindo a ressemeadura, e restando apenas áreas marginais, as lavouras seguem beneficiadas pela regularização do regime de chuvas, o que reduziu a percepção de falhas e desuniformidades no campo. Esse cenário de maior umidade tem motivado os produtores a intensificarem a adubação e os tratos fitossanitários, refletindo em uma recuperação de áreas que inicialmente sofreram com o deficit hídrico. Atualmente, a safra apresenta uma ampla variação fenológica, com estádios desde a germinação até a de formação de vagens. O quadro sanitário continua positivo, sem registros significativos de pragas ou doenças. No entanto, apesar do vigor geral, a expectativa de produtividade permanece cautelosa para regiões de textura arenosa, onde o potencial produtivo deve ser inferior, devido às limitações físicas desses solos.

A área no estado mantém-se em 5.153 mil hectares, e as produtividades médias começaram a sinalizar uma quebra, apontadas neste levantamento, mas ainda tímida, visto que a fase reprodutiva da maior parte das lavouras ainda está por vir. Embora a nebulosidade tenha sido elevada, especialmente na região sudoeste do estado, a alternância entre períodos de sol e chuva durante dezembro favoreceu o bom desenvolvimento das lavouras.



Foto 7 - Soja - Enchimento de grãos - Cristalina-GO

Fonte: Conab.

Minas Gerais: a safra de soja 2025/26 teve um início de ciclo bastante desafiador, devido às adversidades climáticas registradas em Minas Gerais nas principais regiões produtoras, ora por chuvas irregulares e de baixo volume, ora por tempestades de granizo. Em outubro e novembro, as chuvas não atingiram a metade do volume médio para o período nas regiões Noroeste e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, de maneira que nas localidades de menor altitude e com solos mais arenosos, o índice de replantio foi elevado. Salientamos que nessas regiões predominam materiais precoces e que tiveram o seu desenvolvimento comprometido pelos veranicos.

Já as primeiras chuvas de dezembro foram mais intensas e em algumas localidades tivemos a ocorrência de granizo. Parte das áreas perdidas de soja migrou para o milho verão. Além da semeadura que atrasou consideravelmente, os replantios atrasaram ainda mais o ciclo da cultura.

O clima mais seco até o final de novembro contribuiu para reduzir a pressão de doenças, no entanto, a elevada umidade registrada em dezembro aumentou esta pressão, e os produtores têm dificuldades para entrar nas áreas para realizar as pulverizações devido à elevada umidade do solo. Logo, as pulverizações encontram-se atrasadas e, além das doenças, os

danos decorrentes da competição com plantas daninha limitam o potencial produtivo da oleaginosa. Assim, estima-se uma produção de 8.891,8 mil toneladas, uma retração de aproximadamente 3,2% em relação ao produzido na safra passada.



Foto 8- Soja - desenvolvimento vegetativo -
João Pinheiro - MG

Fonte: Conab.

Santa Catarina: a semeadura da primeira safra se aproxima do final. As temperaturas, consideradas baixas para a estação, resultaram em um início de florescimento adiantado e plantas com reduzida estatura, indício claro de interferência climática nos cultivos. As condições fitossanitárias são consideradas satisfatórias, e os produtores estão sendo orientados a monitorar o surgimento de focos de ferrugem asiática, conforme o avanço do ciclo da cultura. Apesar dos problemas elencados, as condições climáticas ainda continuam favoráveis para a maioria das lavouras.

São Paulo: o plantio foi finalizado, e as condições climáticas são consideradas satisfatórias. As chuvas estão favorecendo o desempenho das lavouras, e as temperaturas mais amenas em todo o estado, e muito particularmente nas regiões de maior produção, como em Itapeva e Assis, favorecem o desenvolvimento da cultura. A maior parte das lavouras se encontram em floração. A colheita deverá ter início em meados de janeiro.

Distrito Federal: os produtores brasilienses finalizaram a semeadura após a regularização das chuvas no final de novembro, e essas favoreceram a germinação e o desenvolvimento das lavouras já implantadas. Neste levantamento foram observados vários estádios da cultura. Nas áreas irrigadas, a soja está em formação de vagens, e nas áreas de sequeiro observa-se lavouras desde o estádio vegetativo até reprodutivo. As condições gerais da cultura são consideradas satisfatórias.

Bahia: com a regularização das chuvas, ocorrida a partir da segunda quinzena de novembro, o plantio da soja evolui rapidamente e será concluída até o fim de dezembro. Estima-se taxa de replantio inferior a 2%, em áreas de bordadura e áreas pontuais, cuja germinação foi insuficiente, seja devido a locais com baixo índice de chuva, falha mecânica nos equipamentos ou baixa qualidade da semente.

O cenário atual exige monitoramento intensivo das áreas cultivadas. O clima com alta umidade e alta temperatura gera condições favoráveis para o desenvolvimento das lavouras, mas pode aumentar a pressão de pragas e doenças. Há registros de percevejos, lagartas do gênero *Spodoptera* e incrementos pontuais na população de mosca-branca. As lavouras encontram-se em diferentes estágios fenológicos, incluindo germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos, apresentando bom vigor.



Foto 9 - Soja - Desenvolvimento vegetativo - Luís Eduardo Magalhães - BA

Fonte: Conab.

Maranhão: o plantio da soja foi iniciado em outubro, na região sul, e em dezembro está em curso o calendário de semeadura em todas as regiões produtoras de soja do Maranhão. Na região sul, nos Gerais de Balsas, após um longo período de estiagem em novembro, o que atrasou o plantio e prejudicou a soja plantada no final de outubro e início de novembro, a operação está próxima da finalização.

Nas regiões das Chapadas das Mangabeiras e de Porto Franco, o plantio está em andamento ou próximo da finalização, dependendo do município. No centro e no oeste, o plantio foi iniciado aos poucos, acompanhando a ocorrência das chuvas, alcançando 10% da área prevista. As lavouras implantadas estão nos estágios de emergência, desenvolvimento vegetativo e floração.

Na safra 2025/26, a área de plantio de soja é estimada em 1.522,3 mil hectares, aumento de 6% em relação à safra anterior, devido aos aumentos de área nas regiões oeste, centro, leste e sul do estado.

Piauí: a semeadura da cultura acontece em quase sua totalidade em novembro, mas nesta safra teve início no último decêndio de outubro, com o registro das primeiras chuvas. Porém, a partir do início de novembro, houve paralisações do plantio devido à falta de chuvas, operação que foi retomada durante a segunda quinzena de novembro, com o retorno das precipitações na maior parte da região produtora e avançou rapidamente em dezembro, já se encaminhando para finalização. Para a safra 2025/26, a estimativa aponta para um aumento de área de 4,6%.

Tocantins: as condições climáticas em dezembro foram ótimas para a oleaginosa, com precipitações regulares e em bons volumes na maioria das áreas. Grande parte dos talhões se encontram nos estádios reprodutivos, e os produtores aproveitam as janelas de tempo seco para realizarem os tratos culturais. Na maioria das regiões, o plantio está finalizado. Há, no entanto, um descontentamento dos produtores devido à falta de chuvas no início do plantio, o que ocasionou vários talhões com falhas na germinação e baixos standes. A colheita iniciará em meados de janeiro.

Pará: a regularização das precipitações em dezembro, nos polos da BR-163 e de Redenção, favoreceu o desenvolvimento da soja, ajudando na recuperação das lavouras afetadas pela irregularidade de chuvas durante novembro. Entretanto, nos polos de Paragominas e Redenção, a irregularidade das precipitações impediu um maior avanço do plantio e compromete a janela de cultivo do milho segunda safra. Devido a sua grande extensão, mesmo sem ter finalizado o plantio, a colheita se aproxima do início na região da BR-163.

Rondônia: o plantio foi finalizado no estado, e a maioria das áreas se encontram nos estádios reprodutivos, com 3% delas já em maturação. A colheita deve começar no final de dezembro. A regularização das chuvas colaborou para uma boa recuperação das lavouras afetadas pelos baixos

volumes precipitados em novembro na região sudeste, e a condição geral das lavouras é considerada satisfatória.

Amazonas: o plantio foi finalizado no estado e, mesmo com o excesso de chuvas nas regiões produtoras, o desenvolvimento da cultura supera as expectativas.

Acre: as condições climáticas continuam extremamente favoráveis à oleaginosa no estado. Chuvas frequentes alternadas com períodos de sol favorecem o desenvolvimento da cultura. A colheita se aproxima do início, com boas perspectivas de produtividade.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda – Condição hídrica									
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,13		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
PA	Sudeste Paraense	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,30		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Leste Maranhense	0,60			S	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C
	Sul Maranhense	1,46		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
PI	Sudoeste Piauense	2,57		S	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	5,29		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MT	Norte Mato-grossense	16,41	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	5,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,75	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	3,64	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,19		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,55	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,74		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,86		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	7,86		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Continua

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2025/26								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	1,41		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,67		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	0,77		S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	1,54	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	2,08	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,27		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	2,21	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,25	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,87		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	0,99		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	7,54		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Nordeste Rio-grandense	0,79		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	1,62		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	0,60		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	1,35		S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2024) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

SAFRA 2024/25

As exportações de soja em 2025, de janeiro a dezembro, totalizaram 108,18 milhões de toneladas, representando aumento de 9,37 milhões de toneladas em relação ao volume exportado em 2024. As importações fecharam o ano em de 969 mil toneladas.

As estimativas de produção permanecem inalteradas para a safra 2024/25. No entanto, houve revisão na estimativa de consumo interno, com redução de 1,44 milhão de toneladas. Essa alteração foi motivada pela queda nas exportações de óleo de soja e pela menor previsão de produção de biodiesel,

conforme os dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) e pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Com isso, os estoques finais estimados para o fim de 2025 foram ajustados para 10,73 milhões de toneladas, um aumento de 300 mil toneladas.

Estimativa de óleo de soja

Com a redução nas exportações de óleo de soja em 37 mil toneladas, encerrando o ano em 1,36 milhão de toneladas, e a menor expectativa de produção de biodiesel, afetando em uma menor venda interna de 146 mil toneladas, a produção de óleo de soja na safra 2024/25 foi revisada para baixo, com um corte de 288 mil toneladas, afetando, assim, em um menor esmagamento.

Os estoques de passagem também foram alterados em -100 mil toneladas, agora estimados em 316 mil toneladas.

Estimativa de farelo de soja

A queda de 1,44 milhão de toneladas na estimativa de esmagamento resultou em redução de 1,11 milhão de toneladas na produção de farelo de soja, agora estimada em 44,04 milhões de toneladas. Segundo a Secex, as exportações foram de 23,30 milhões de toneladas, levando à redução de 812 mil toneladas nos estoques finais.

SAFRA 2025/26

A estimativa de produção para a safra 2025/26 foi revisada para baixo, com redução de 1 milhão de toneladas, sendo agora estimada em 176,12 milhões de toneladas. Em decorrência disso, as exportações foram ajustadas em -214 mil toneladas, estimada agora em 111,8 milhões de toneladas.

A estimativa de esmagamento também foi revista, com aumento de 1,15 milhão de toneladas, passando para 60,53 milhões de toneladas. Esse ajuste foi impulsionado por uma ligeira variação na previsão de produção de biodiesel para 2026.

Como resultado dessas alterações e considerando os estoques iniciais, os estoques finais foram ajustados para baixo em 1,69 milhão de toneladas, sendo agora projetados em 11,3 milhões de toneladas.

Estimativa de óleo de soja

A previsão de produção de biodiesel para 2026 foi atualizada, refletindo um leve aumento na participação do óleo de soja na composição do biodiesel. Com isso, a produção de óleo de soja foi ajustada em 231 mil toneladas, e a estimativa de vendas no mercado interno aumentou em 181 mil toneladas.

Além disso, a previsão de importações de óleo de soja para 2026 foi revisada para 50 mil toneladas, adequando-se à média das importações dos últimos anos.

Estimativa de farelo de soja

O aumento na estimativa de esmagamento resultou em um acréscimo de 887 mil toneladas na produção de farelo de soja. A venda no mercado interno também foi ampliada em 300 mil toneladas.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2024/25	7.231,3	171.480,5	968,6	179.680,4	60.768,8	108.181,1	10.730,6
	2025/26	10.730,6	176.124,4	500,0	187.355,0	64.265,9	111.790,8	11.298,2
FARELO	2024/25	3.367,3	44.043,9	0,1	47.411,3	19.500,0	23.300,4	4.610,9
	2025/26	4.610,9	46.620,3	1,0	51.232,3	20.300,0	24.696,0	6.236,3
ÓLEO	2024/25	465,2	11.426,0	105,2	11.996,5	10.318,0	1.362,9	315,6
	2025/26	315,6	12.155,3	100,0	12.570,9	10.811,0	1.400,0	359,9

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em janeiro/2026.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
2.445,9 mil ha	3.219 kg/ha	7.873,4 mil t
- 20%	+24,8%	-0,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2019	2.042,4	2.657	5.427,6
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	3.058,7	2.579	7.889,3
2025	Dez./25	3.257	7.961,2
	Jan./26	3.219	7.873,4

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Este quarto levantamento marca o encerramento da colheita das culturas de inverno da safra 2025. Embora tenha sido registrado um aumento de quase 25% na produtividade em relação à safra 2024, esse avanço não foi suficiente para conter a redução da produção, tendo em vista a retração mais significativa da área cultivada, especialmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás. Com a finalização da safra 2024/25, a produção total do grão foi estimada em 7.873,4 mil toneladas, valor 0,2% inferior ao obtido no ciclo anterior.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda – Condição hídrica												
UF	Mesorregiões-	Produção*	Trigo - Safra 2025									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	1,66	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
GO	Leste Goiano**	1,03	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas**	0,94	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba**	3,04	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas	0,93	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Campo das Vertentes	0,84	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Bauru	1,10	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C				
	Itapetininga	4,32	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
	Norte Central Paranaense	9,21	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C			
PR	Norte Pioneiro Paranaense	5,97	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	EG/M/C				
	Centro Oriental Paranaense	6,36		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Oeste Paranaense	4,68	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	7,67		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	5,64		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
SC	Sudeste Paranaense	1,82		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C		
	Metropolitana de Curitiba	0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C		
	Oeste Catarinense	2,55		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Catarinense	0,43		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Serrana	0,70		PS	S/E/DV	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	23,58		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense	1,92			S	E/DV	DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	2,51		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	0,63		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	3,83		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,75		S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

(**) Parte irrigado

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2023) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Os preços do trigo apresentaram comportamentos distintos entre Paraná e Rio Grande do Sul no bimestre novembro e dezembro de 2025. No Paraná, observou-se leve valorização: o preço passou de R\$ 63,07 em novembro

para R\$ 63,90 em dezembro, um acréscimo de R\$ 0,83, o que representa aproximadamente 1,3% de aumento.

Já no Rio Grande do Sul, o cenário foi inverso: o preço médio caiu de R\$ 56,06 em novembro para R\$ 54,16 em dezembro de 2025, variação negativa de R\$ 1,90, equivalente a 3,4% de retração. A queda sugere pressão baixista devido ao momento de colheita no estado e pouca demanda, pois os moinhos já apresentam bastante produto.

No mercado internacional, o cenário segue de grande oferta de trigo e com a estimativa de safra recorde mundial, a média mensal fechou com desvalorização de 2,07%, com a média FOB Golfo (Estados Unidos) cotada a US\$ 241,59 por tonelada. Por enquanto, o cenário segue baixista, com alta produção devido à boa produtividade no ano de 2025 e estoque de passagem em níveis elevados.

A Conab revisou os números referentes à área, produção e produtividade. A estimativa é que sejam plantados 2.445,9 mil hectares, -20% em relação à safra anterior, e 0,05% acima da última estimativa, e colhidos 7.873,4 mil toneladas, 0,2% abaixo da última safra e 1,1% abaixo da última estimativa da Conab, com produtividade média de 3.219 kg/ha, +24,8% em relação ao último ano e queda de 1,17% em relação à última estimativa. Foi revisado, também, o volume estimado de importação, passando de 6,7 milhões de toneladas para 6,765 milhões de toneladas, enquanto a exportação foi mantida. Com este cenário, a previsão é encerrar a safra 2025/26 com estoques finais de 2.242,7 mil toneladas.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	11.849,8	3.045,9	922,5
2022	922,5	10.554,4	4.514,2	15.991,1	11.894,1	2.656,6	1.440,4
2023	1.440,4	8.096,8	5.702,6	15.239,8	11.943,6	2.790,9	505,3
2024*	505,3	7.889,3	6.822,2	15.216,8	11.890,6	1.872,7	1.453,5
2025**	dez/25	1.376,4	7.961,2	6.703,0	16.040,6	11.812,7	2.240,7
	jan/26	1.453,5	7.873,4	6.765,5	16.092,4	11.812,7	2.242,7

Fonte: Conab.

Nota: *Estimativa em janeiro/26.

**Previsão.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso do Sul: a alternância entre períodos de sol e alta umidade tem favorecido o desenvolvimento das plantas. O período foi de chuvas abundantes nas principais regiões produtoras da cultura, com destaque para as regiões leste e bolsão, que apresentaram acumulados acima de 120 mm.

As condições climáticas têm sido bastante favoráveis ao desenvolvimento da cultura, apesar da redução na área cultivada, em virtude das condições de mercado e da dificuldade no acesso ao crédito, as expectativas de produção são boas. Os tratos culturais vêm sendo realizados regularmente, a exemplo do controle mecânico de plantas invasoras, não sendo afetados pelas chuvas.

Paraná: em dezembro de 2025, o clima no estado exerceu uma influência ambivalente sobre a cultura do amendoim. Por um lado, as altas temperaturas e a intensa radiação solar aceleraram o desenvolvimento vegetativo e o início da floração, mas, por outro, a irregularidade das chuvas, agravada pelo La Niña, impôs um risco real de estresse hídrico.

Como a planta está na fase crítica de fregamento, quando os ginóforos precisam penetrar o solo para formar as vagens, a falta de umidade nas camadas superficiais pode comprometer o número de frutos, embora o tempo mais seco ajude a conter o avanço de doenças foliares fúngicas.

O sucesso da safra neste mês depende da capacidade do solo em reter umidade para suportar os veranicos, garantindo que o calor não resulte em abortamento de flores.

A cultura já está com estádio de 3% em germinação, 78% em desenvolvimento vegetativo, 13% em floração e 6% em frutificação. A área teve considerável redução, especificamente na região de Paranavaí, anteriormente a maior produtora, em razão de os produtores terem migrado para o cultivo da soja devido às melhores condições comerciais da soja. As lavouras têm alguma alteração em suas condições, estimadas como boas em 99% da área plantada e 1% regulares, reflexo da menor disponibilidade de água no solo em setembro e do excesso de chuvas em novembro.

A produção do amendoim é exclusivamente para subsistência, visto que o excedente é comercializado com os empacotadores ou com pequenas fábricas de doces regionais.

Minas Gerais: com o retorno das chuvas, o plantio foi concluído em dezembro, e as lavouras se desenvolvem em boas condições.

A cultura está se mostrando atrativa economicamente e vem oferecendo valores de arrendamento superiores aos praticados para o plantio da soja.

A estimativa é que a produção alcance 54,8 mil toneladas no estado.

São Paulo: o amendoim encontra-se totalmente semeado, com boa parte em desenvolvimento vegetativo, e as lavouras apresentam boa qualidade, em razão das condições climáticas favoráveis à cultura.

Quanto à área, há uma estimativa de pequena redução em relação à safra passada, devido à migração de algumas áreas para a soja.

O amendoim vem se mantendo, tradicionalmente, na região de Jaboticabal, em rotação com a cana-de-açúcar, mas na atualidade a leguminosa apresenta expressivo avanço na região da Alta Paulista, Marília, Tupã, Presidente Prudente, Quintana e Herculândia. No entorno destes municípios encontram-se algumas exportadoras e cooperativas que se incumbem em apoiar os produtores durante todo o ciclo da cultura, desde o plantio até a comercialização, direcionando boa parte da produção para o mercado externo.

Tocantins: nos últimos quinze dias de dezembro, o acumulado de chuvas no estado foi de 120 mm a 150 mm, com condições climáticas favoráveis para assegurar o bom desenvolvimento vegetativo do amendoim.

O mercado para amendoim no estado tem como destino São Paulo, impulsionado pela demanda crescente do setor, especialmente pela indústria de chocolates, amendoim processado e balas.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - AMENDOIM

UF	Mesorregiões	Produção* %	Legenda – Condição hídrica							
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	
MG	Leste de Mato Grosso do Sul	5,72	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	6,16	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Araçatuba	3,98	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Araraquara	5,69	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Bauru	12,44	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
SP	Marília	16,26	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Presidente Prudente	17,50	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Ribeirão Preto	14,96	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	São José do Rio Preto	10,08	PS	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2024)/Conab.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a previsão de ocorrência de um longo período de chuvas constantes para o fim de dezembro fez com que os produtores dessecassem e adiantassem a colheita dos grãos. O primeiro quinto (20%) das áreas de girassol foi colhido no início da segunda quinzena de dezembro. A cultura, que se encontra na fase reprodutiva, está predominantemente em maturação, com 55% das áreas neste estágio. O restante das áreas encontra-se em floração e enchimento de grãos, 12% e 13%, respectivamente.

Nesta safra, são cultivados seis mil hectares de girassol, e já se encontram com 100% semeados. O cultivo da asterácea acontece principalmente na Região das Missões, Alto Uruguai e Oeste do Planalto Médio. Também é nestas regiões que estão as unidades recebedoras da produção que se destina, principalmente, a produção de óleo culinário e alimentação animal.

O regime regular de chuvas, com intervalos de boa insolação e temperaturas amenas, trouxeram boas condições para o desenvolvimento da cultura e, consequentemente, a manutenção da expectativa de produtividade média final de 1.800 kg/ha, um prognóstico de elevada produtividade. Todavia, o impacto de períodos chuvosos na maturação e colheita deve ser acompanhado.

O girassol alto-oleico, além do preço homólogo ao da soja, recebe pagamento de prêmio. Todavia, a produção, mesmo regular, que foi contratada ao preço de soja antes da redução dos preços, já remunera mais os produtores e traz a expectativa de um bom retorno econômico.

MAMONA

Bahia: espera-se o aumento do cultivo, expandindo sobre o milho que, devido à grande perda na safra passada, deve ter redução de área e alternativa de cultivo irrigado de inverno na região oeste.

Foram registradas chuvas volumosas e bem distribuídas pelas áreas produtoras. As precipitações são alternadas por dias ensolarados, que favorecem o desenvolvimento das plantas e o manejo das áreas.

Com a regularização das chuvas, o plantio avança. Observa-se redução das lavouras de segunda safra em decorrência do longo período sem precipitações, estimado em cerca de cinco meses, o que deve resultar em maior área de renovação de lavouras.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a colheita encerrou em dezembro. A área faltante, 3%, foi colhida sem dificuldades, haja vista o tempo seco da primeira semana do mês.

A safra fica marcada pela grande variabilidade observada nas produtividades das lavouras, condição decorrente, principalmente, dos diferentes níveis de investimentos e manejos adotados no plantio da cultura, mas também em razão das condições edafoclimáticas das regiões produtoras e algumas perdas por geadas e chuvas no período de maturação da cultura.

Apesar de algumas perdas pontuais, as condições meteorológicas foram majoritariamente favoráveis, e a sanidade das lavouras era boa, permitindo aumento das estimativas iniciais de produtividade, mas, ao finalizar a colheita, constatou-se que as expectativas não foram atingidas e foram realizados ajuste da estimativa média de produtividade para 2.452 kg/ha, redução de 2,3% em relação ao mês anterior e 0,7% inferior à estimativa inicial de produtividade da Companhia.

Em termos regionais, nas Missões e Alto Uruguai, a produtividade média final, próxima de 2.250 kg/ha, é considerada boa, especialmente ao considerar o baixo investimento por parte dos produtores. A qualidade dos grãos é considerada satisfatória.

No Planalto Médio, lavouras com bons níveis de manejo superaram 3.000 kg/ha. A rentabilidade das lavouras não é tão boa, já que o preço dos

grãos acompanha a queda dos preços do trigo. No Planalto Superior, as produtividades também foram boas, visto que a média da região superou os 3.000 kg/ha, destaque para a alta qualidade dos grãos.

Na Campanha, Região Sul e Depressão Central, regiões menos tradicionais da cultura e onde o aporte de recursos foi dos menores no estado, assim, as produtividades médias finais ficaram abaixo de 2.200 kg/ha.

Em posse dos dados finais das lavouras do estado, realizamos um leve ajuste da área estimada da cultura. Informações atualizadas de campo indicam que a área cultivada da cultura é de 401,8 mil hectares, aumento de 4% em relação ao mês anterior e de 13% em relação à safra passada. O aumento foi decorrente do menor custo de produção da cultura em relação ao trigo, surgindo como alternativa interessante para produtores descapitalizados.

Por se tratar de uma cultura secundária no Rio Grande do Sul, ainda é cedo para fazer estimativas de área para a cultura no próximo ciclo, mas a tendência é que a área cultivada seja muito próxima desta safra. Competem por área com a aveia-branca as culturas do trigo, que deve diminuir área, e a canola, que deve aumentar a área.

Paraná: cultura totalmente colhida.

A cultura tem destino para uso interno na propriedade, o excedente vai para fábricas de ração e alimentação humana.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

UF	Mesorregiões	Produção* %	Legenda - Condição hídrica									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,66	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense	9,23	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Central Paranaense	3,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense	1,14	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
PR	Centro Oriental Paranaense	5,05	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	2,43	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,64	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Sudeste Paranaense	2,06			S	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Noroeste Rio-grandense	46,46		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense	6,30			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
RS	Centro Ocidental Rio-grandense	8,57		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,84		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	3,27		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense	1,53		SE	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2023)/Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: a canola foi destaque na safra de inverno de 2025 no estado, com forte ampliação da área cultivada em relação à safra anterior e aumento de produção.

As últimas glebas de canola da safra 2024/25 foram colhidas em dezembro, e a cultura encontra-se 100% colhida. O comportamento do clima ao fim do ciclo é um dos fatores que mais influenciam o resultado produtivo da canola e, de modo geral, foi favorável. As áreas colhidas ao longo do último mês continuaram apresentando resultados positivos, como os observados

nos meses anteriores de colheita, de forma que foi ajustada a estimativa de produtiva média final da cultura para 1.621 kg/ha, aumento de 6% em relação ao mês anterior e de 11% em relação à estimativa inicial da Companhia.

Em termos regionais, no Planalto Médio as produtividades médias ficaram entre 1.600 kg/ha e 1.800 kg/ha, porém em áreas bem manejadas foram relatadas produtividades entre 1.800 kg/ha e 2.100 kg/ha. Na região Central, a produtividade da maior parte das lavouras ficou entre 1.300 kg/ha e 1.500 kg/ha. Adversidades climáticas, como geadas no período reprodutivo, contribuíram para a redução da produção.

Na Campanha, a colheita está finalizada. A área cultivada apresentou aumento de 48% na região, e a produtividade média ficou em 1.484 kg/ha. Um pouco inferior à estimada inicialmente. No Noroeste, Missões e Fronteira Oeste, principais regiões produtoras, o resultado da safra é considerado bom. As produtividades se concentraram na faixa de 1.550 kg/ha a 1.750 kg/ha.

A indústria, cerealistas e cooperativas ainda recebem produtos dos agricultores que possuem armazenamento na propriedade. Com base nas informações coletadas sobre a produção total recebida, foi mantida a área cultivada de 209,9 mil hectares.

Concorrente em área com os cereais de inverno, a canola apresentou produtividade mediana, liquidez da produção e bom preço, garantindo rentabilidade. Mediante os bons resultados e à boa liquidez da cultura, há expectativa para ainda mais aumento de área cultivada em 2026, e estima-se que a próxima safra seja de 380 mil hectares, 81% superior à safra atual.

Os agricultores que firmaram os contratos anteriores à safra conseguiram negociar a saca de canola pelo valor da saca de soja. Já, ao fim da safra, os produtores negociaram a saca de canola por 110% do preço pago pela

soja, dependendo do prazo para pagamento. Devido à descapitalização dos produtores pelas frustrações das safras anteriores, houve necessidade de comercializar logo a produção da canola, de forma que não resta muito produto para comercializar.

CEVADA

Rio Grande do Sul: colheita concluída. Em dezembro, a operação se concentrou basicamente em áreas do Planalto Superior. As produtividades nesta região foram excelentes, com algumas lavouras superando os 6.000 kg/ha. A média da região supera 4.000 kg/ha. A qualidade dos grãos também é muito boa, apresentando percentual de grãos de primeira e PH adequados para a produção de malte.

Nas demais regiões, a colheita já havia sido finalizada em novembro, e a safra é considerada boa pelo setor. As lavouras de cevada geralmente recebem um aporte maior de recursos para o seu cultivo, condição que foi potencializada pelas condições meteorológicas favoráveis para a cultura.

No leste do Planalto Médio, os resultados das lavouras são considerados bons. Os grãos apresentam boa qualidade para a produção de malte. As produtividades se concentraram na faixa de 3.500 kg/ha a 3.800 kg/ha.

No oeste do Planalto Médio, as produtividades foram superiores a 3.000 kg/ha. No Alto Uruguai e Missões a área cultivada foi pequena e, diante da ocorrência de chuvas no período de maturação, em final de outubro e início novembro, as produtividades das lavouras se concentraram na faixa entre 2.800 kg/ha e 3.000 kg/ha. Nestas três regiões as condições edafoclimáticas

não são as mais adequadas para obtenção de grãos sadios de cevada, e a produção é destinada para o consumo animal.

Diante dos dados finais da safra, especialmente pelo excelente resultado observado no Planalto Superior, foi alterada a estimativa de produtividade para 3.509 kg/ha, 3,4% superior ao mês anterior e 8,6% superior ao estimado inicialmente pela Companhia.

Também realizamos leve ajuste na área cultivada da cultura, que foi ajustada para 31,4 mil hectares, 3% superior ao mês anterior, mas 8% inferior à safra passada, demonstrando um afastamento gradual dos produtores da cultura, visto que é a terceira safra consecutiva com redução da área da cultura no Rio Grande do Sul.

Paraná: colheita encerrada em dezembro.

Houve aumento de 33% na área cultivada em relação à safra anterior. Regiões que haviam perdido área, como Guarapuava, apresentaram recuperação e atualmente voltou a liderar a produção estadual, seguida por Ponta Grossa. Juntas, essas duas regiões concentram cerca de 80% da produção paranaense. A expansão e recuperação das áreas nessas localidades está relacionada à presença de maltarias, que absorvem grande parte da produção.

Atualmente, a cevada colhida neste ciclo já foi praticamente toda comercializada. Ressalta-se, ainda, que o preço do grão na região apresentou elevação em relação ao observado em novembro de 2025.

TRITICALE

Rio Grande do Sul: a safra da cultura no ciclo 2024/25 (inverno 2025) foi encerrada ainda em novembro. Á área cultivada de triticale foi de 3,6 mil hectares, e a produtividade média final foi de 3.076 kg/ha.

A área cultivada da cultura, que já foi de 9,7 mil hectares em 2022/23 (2023), reduziu pela segunda temporada consecutiva em razão dos resultados aquém dos esperados para a cultura e pela falta de demanda prometida pelas indústrias de etanol, que, em sua maioria, ainda não são operacionais.

A produtividade desta safra foi reduzida em 8% neste levantamento, em razão de perdas decorrentes de chuvas na colheita e que a boa condição visual não se refletiu nas produtividades das lavouras, conforme dados finais obtidos junto aos informantes da cultura.

Embora o resultado significa uma retração em relação ao esperado durante o ciclo, esta é a segunda maior produtividade da cultura na série histórica da Companhia (iniciada em 2001/2, inverno de 2002), representando os avanços tecnológicos das variedades e nos manejos empregados no cultivo da cultura desde o início do seu cultivo.

As condições meteorológicas foram favoráveis em boa parte do ciclo da cultura, e os resultados poderiam ser ainda melhores se o investimento dos produtores não tivesse sido reduzido, ação resultante da falta de capitalização dos produtores, condição decorrente de perdas consecutivas nas receitas em recentes safras de verão, principal safra para o produtor gaúcho.

Paraná: cultura totalmente colhida.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO